

# O CORREIO

Director-Gerente  
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor  
Bento d'Oliveira e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Passos Manoel, 177-1.º — Porto  
Composto e impresso na Typographia de Arthur José de Souza, Largo de S. Domingos, 47 — Porto.  
Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas — 6, Rue Duban  
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO — N.º 8 — Avulso 20 rs.

Sabbado, 25 de Janeiro de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 12 n.ºs, 12000 reis — Serie de 25 n.ºs, 30000 reis. Estrangeiro: (Paizes da União Postal) — serie de 12 n.ºs, 12 francos (ou 24000 reis); Serie de 25 n.ºs, 30 francos (ou 36000 reis). Brazil: serie de 12 n.ºs, 60000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.  
ANUNCIOS — Na secção de annuncios: 30 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

## SUMMARY

O programma de Sua Senhoria.  
Notas d'um lisboeta — ANSELMO.  
Echos.  
Pathologia da Republica — DR. THALASSA.  
O genio latino — entrevista com Paul Adam.  
— JOAQUIM LEITÃO.  
A crise politica em França — AYRES DE ORNELLAS.  
Phantasias — Os lobos — ANSELMO.  
A democracia — EDUARDO LUPI.  
Diplomatas.  
De Antonio Ennes a Mousinho — entrevista com Ayres de Ornellas — JOAQUIM LEITÃO.  
Propheticas.  
Chronica militar.  
Semana mundana.  
Folhetim — A Chica — A reconciliação — ANSELMO.  
Carta de Lisboa.  
Chronica da vida nacional — ANTONIO LANÇA.  
Theatros.

## O programma de Sua Senhoria

Com a leitura de um largo documento que na sua contextura, nas suas promessas e até nas estafadissimas formulas da referencia ao equilibrio orçamental e da constatação das excellentes relações com as potencias estrangeiras, é uma *pastiche* de alguns dos antigos discursos da Corôa, notando-se-lhe a ausencia do appello á Divina Providencia, agora substituido de facto pelo appello á Rua, — apresentou o sr. Affonso Costa no Parlamento o larguissimo programma das larguissimas medidas com que projecta, em palavras, desmentir os factos que tem sido toda a sua vida de politico e que tem caracterizado a acção e a propaganda, nas ruas e na imprensa, do partido de que Sua Senhoria é chefe, de que é jornalista o sr. Fraúça Borges e de que é symbolo o sr. Xavier Barreto.

Com a audacia que lhe é conhecida e que, n'um paiz de hesitantes e de acomodaticios, constitue a facil explicação da sua triumphante impunidad, declarou-se n'esse seu programma o chefe do governo, partidario da mais larga e generosa tolerancia religiosa, e ao mesmo tempo que no mesmissimo documento desvanecidamente se refere a uma lei sua, que é a mais iniqua negação d'essa tolerancia e que constitue na realidade quasi que a prohibição do culto catholico, pela impossibilidade em que coloca os ministros d'esse culto de o exercerem tal como o mandam as leis da Igreja e os preceitos de uma Religião, que não é que nunca foi e que nunca poderá ser, o que para ahí pregam varios fargantes que na nova lei se viram enternecidamente que ella lhes permittia o raparem a corôa e o tomarem amasia.

Mas se é tremenda a audacia do chefe declarando-se no seu programma partidario da mais larga tolerancia religiosa, quando, mezes antes, declarava nos seus discursos ter por fim a sua lei acabar em pouco tempo com a religião catholica, não é menor a audacia com que os seus jornaes e os seus adeptos lhe cele-

bram o espirito liberal, esquecidos ou inconscientes de que, desde a implantação da Republica, nas suas columnas os primeiros, nas ruas e nas praças, os segundos, da mais revoltante e da mais iniqua intolerancia deram provas, injuriando, cobrindo de improperios e de vaiaes, chegando mesmo a agredir physicamente, aquellos que nos templos ou em ceremonias funebres procediam em conformidade com as suas crenças, tendo aliás o cuidado de se não manifestarem contra a lei que os offendia nos seus sentimentos mais delicados, e que para elles era iniqua e vexatoria.

Contudo essas violencias e esses desacatos ainda estão na memoria de todos, pois ninguem de certo esqueceu os incidentes, que se deram na igreja do Loreto, logo em seguida á proclamação da Republica, como os que se deram mais tarde á porta da igreja dos Martyres, como os que, n'uma serie quasi ininterrupta, se tem dado por essas provincias, sobretudo nas localidades em que predomina pela audacia, que não pelo numero, o demoralismo, que é a taboleta benevolã, que aos ingenhos apresenta o mais feraz demagogismo.

Com o mesmo desembarço promete o chefe do governo moralizar a administração publica e sanear os serviços burocraticos, e nós ao termos-lhe a prosa inflamada e sonora, perguntamos naturalmente a nós proprios, — que aos outros não vale a pena perguntar, pois uns teriam medo de nos ouvir, outros não nos poderiam responder, — se tal moralisação é se tal saneamento se fará pelo processo de que se serviu o sr. Freitas Ribeiro, actual ministro da marinha, para a liquidação de contas do Estado com a companhia de Ambaca, pela cultura dos *tubarões* que evoluçionam pimpantes nas aguas do demoralismo e pelo sistema *bravete* de nomeações por lista de parentes, adherentes e socios, iniciado com a Republica, pelo sr. Affonso Costa na pasta da justiça, ou se todo esse programma de moralisação e saneamento se condensa muito simplesmente na promessa tantas vezes feita pelo *Mundo de correr* das repartições publicas com todos aquellos que ou se mantem fieis, embora em sociego, ás suas convicções monarchicas, e os que de qualquer forma hostilizaram o demoralismo, como se dá com os que fazem parte da desditosa fiscalisação das sociedades anónimas, que a Republica em nome da moralidade creou, e agora em nome da mesma moralidade, ou de outra, — pois na Republica ha varias, — extingue de uma pennada.

O futuro dirá qual o processo que, para essa moralisação e para esse saneamento, adoptarão o sr. Affonso Costa e mais o seu ministerio em que, a d'êdo elle escolheu um carcereiro para o interior, um monologista para os estrangeiros, um juiz de pretos para as colonias e um official do exercito para a justiça.

*Pastiche* tambem do que aliás só nos ultimos annos da Monarquia se teve de dizer nos discursos da Corôa, são aquellos periodos, em que o chefe do governo promete velar pela ordem publica, não indicando, é claro, os processos de que para isso lançará mão, mas que as autoridades de Ceziubra já se encarregaram de esboçar, mandando espingardear

os que se levantaram protestando contra as prepotencias do administrador.

Em todo o caso justo é dizer que esta é das promessas do sr. Affonso Costa a que relativamente lhe poderia ser mais facil cumprir, pois é sabido que á sua força politica pertencem os elementos perturbadores que tem promovido á alteração da ordem publica, quer intervindo tumultuariamente, com insultos e aggressões a advogados, jurados e testemunhas, nos julgamentos dos conspiradores, quer apunando no Porto o sr. Alexandre de Barros ou manifestando-se escandalosamente nas reuniões da Camara Municipal, quer obrigando uma noite, á pedrada, o sr. Antonio José d'Almeida a acolher-se á protecção d'um sapateiro de escada, quer ainda impedindo violentamente uma associação delegada das mais importantes classes do paiz de representar, ordeira e legalmente, ao Parlamento contra um agravamento dos encargos que sobre essas classes pesam, isto é, impediendo o exercicio do direito que em todos os regimens, desde os mais retrogados aos mais avançados, foi em todos os tempos respeitado e respeitavel: o direito de representação.

E cremos que mais facil lhe poderia ser o cumprimento d'essa parte do programma por constituir a sua subida ao poder pouco mais ou menos a mesma providencia que um bom burguez toma, abrindo-lhe a porta, para pôr termo ás torpeltias que na escada lhe está fazendo o gato, deixado fora, embora com isso em risco lhe fique o peixe deixado no aparador ou as reservas contidas na dispensa.

De muitos outros pontos do programma do novo governo teremos que nos occupar, mas o que por hoje nos cabe nos estreitos limites de um artigo, é sufficientemente elucidativo sobre a sinceridade de propositos d'um chefe do governo que, prometendo moralizar a administração publica, a sua vida de ministro iniciou, no governo provisório, com uma serie de nomeações constituindo a mais fastidiosa das immoralidades, e que, prometendo toda uma politica de paz e liberdade, é o chefe e o inspirador do partido, que na Republica tem sido, de facto, o insultador de todas as crenças, o aprehensor de todos os direitos, o apologista de todas as perseguicções, o instigador de todas as crueldades, o propagandista de todas as violencias e o estrangulador de todas as liberdades.

## Notas de um lisboeta

### A cosinheira lórpa e o financeiro esperto

É voltando-se ainda uma ultima vez a saudar a multidão que o acclamava, Sua Senhoria enfiou pela escada e entrou em casa exclamando:

— Depressa... o jantar... que tenho de sahir cedo...

E logo que se sentou á mesa, n'uma grande expansão, exclamou para o lado: — Foi um triumpho... uma loucura... Também, modestia á parte... diminuir cinco mil contos num deficit... e em me-

nos de cinco dias... não havia para ahí outro que fosse capaz... Não é por me gabar, mas a verdade mandava Deus que se dissesse, quando eu ainda lhe consentia que mandasse alguma cousa.

Do lado, alguém, n'uma enternecida admiração, perguntou:

— Mas como fizeste isso?

— Como?... Ora essa!... Fui ás despezas... e zás... traz... fui cortando aqui e acolá, para a direita e para a esquerda... Depois fui-me ás receitas e augmentei-as.

— Mas augmentaste-as... como?

— Como?... Como querias tu que fosse?... Pondo n'umas um zero á direita e n'outras um outro algarismo á esquerda... Então como havia de ser?...

E, satisfeittissimo, Sua Senhoria estendeu o prato e pediu mais sopa.

— Mais sópa?... Não ha... Nem sei mesmo como a rapariga arranjou isto hoje, que a sópa nem chegou para mim.

— Paciencia... Venha então outra cousa...

— Maria! gritou a voz do lado, traga o resto...

A voz da cosinheira respondeu então, esgançada, lá de dentro, do fundo do corredor:

— Hoje não ha mais nada, minha senhora.

— Não ha mais nada? exclamou Sua Senhoria, esbogaçando os olhos. Que diacho de historia é esta?...

E buscamente ordenou lá para dentro, para a cosinha:

— O' Maria... venha cá...

A cosinheira, de mangas arreagaçadas, appareceu á porta, limpando as mãos ao avental.

— O' Maria, disse o grande homem, que historia é esta?... Então não ha mais nada para o jantar?

— Não, meu senhor, não ha.

— Mas então vocecê só fez sópa hoje?

— Sim, meu senhor, só fiz sópa.

— O' mulher!... mas porquê?

— Para fazer menos despeza, respondeu a rapariga, já acanhada, a descer as mangas.

— O' mulher!... Você está doída?... Então eu, a senhora e os meninos havemos de...?

Mas logo foi interrompido pela cosinheira que exclamava:

— Ah!... agora por meninos... já me esquecia...

E, voltando costas, correu á cosinha, de onde tornou pouco depois com um cesto cheio de garrafas, que pousou no chão.

— O que é isso? perguntou Sua Senhoria.

— E' o remedio para os meninos...

— O remedio para os meninos!... Tudo isso?

— Sim, senhor... E' a limonada de citrato de magnesia... Estão aqui dez litros.

— Dez litros!... Mas quem mandou vir dez litros de limonada?

— Foi o medico.

— Vocemêcê está doída de todo... Eu vi a receita do medico... Só dizia um litro...

— Pois sim, respondeu a cosinheira com ar satisfeito, mas eu augmentei a receita. Puz um zero adiante, e em vez de um litro trouxe dez... Elles aqui estão.

Sua senhoria levantou os braços ao ceu, espavorido, e a cozinheira, começando a desconfiar que fizera tolice, foi explicando, já a desculpar-se:

—Eu ha cinco dias que não ouço senão o senhor dizer a todos esses senhores ministros, que ahi tem vindo: *Reduzam-me as despesas seja lá por fór, e augmentem-me as receitas de lá por onde ddr, quando não estou perdido!*... *Vae então eu...*

E a creda fungava, commovida:

—E vae então eu, que me custava que se perdesse um senhor tão bom, cortei todas as despesas no rol da tenia e augmentei a receita do citrato de magnesia, que foi a unica que a senhora me deu hoje...

—E aqui estamos sem ter que jantar e com dez litros de magnesia, que o melhor é deitar fora, disse ligeiramente impaciente a voz do lado.

Sua Senhoria, de braços cruzados, succumbido ante aquella enormidade, sem saber que havia de dizer, soprava a *Portuguezia* e tremia nervosamente a perna.

Então a voz do lado, entre affectuosa e reprehensiva, murmurou-lhe:

—Não tem sido um pouco assim, que tu diminuíste as despesas e augmentaste as receitas no orçamento?

Sua Senhoria, franzindo o sobrolho, reflectiu um momento. Depois, com um encolher de hombros, respondeu um pouco phrenetico:

—Pois sim, mas isto de orçamentos de um paiz é muito mais complicado...

Anselmo

# ECHOS

## Desejos

Disse o sr. Affonso Costa n'aquelle interessante discurso em que procedeu á apresentação do orçamento, que era *alli, frente a frente*, que queria ver os seus adversarios atacando-o e accusando-o.

Lamentamos que a realidade dos actos do chefe do governo não correspondam á *phantasia dos seus desejos*, que esses actos tornam irreais seus.

Pois como quer o sr. Affonso Costa que os seus adversarios *alli* se apresentem *frente a frente*, a accusal-o e a atacar-o se o seu governo mantem esses adversarios uns no fundo das masmorras, outros no exilio, e, se, não contente com isso, entre si e elles se, não barreira d'um regimento que não permite que na Camara se apresente quem não fór deputado e a muralha de uma lei eleitoral que não permite que seja eleito quem não fór republicano?

## Comparação

Não tem querido a sorte mofina que ás mãos nos chegaram os numeros da *Patria*, embora na respectiva administração tivéssemos deposto respeitosamente os tantos mil reis e piceo de uma assignatura.

E' possível que os correios em alguma cousa tenham concorrido, alem d'uma provavel confusão nos nomes dos empregados administrativos d'aquelle conspiciosa gazeta, para nos privar da delicia de apreciarmos o entusiasmo, com que o sr. Henrique de Vasconcellos hajula hoje a Republica, entusiasmado só comparavel áquelle com que nas vespersas da revolução republicana hajulava os que na Monarchia eram figuras preponderantes.

Mas se nos não tem sido dado ler-lhe a prosa escura, d'ella temos tido vaga noticia por algumas referencias de certos jornaes, entre elles as *Novidades*, que, á parte a prosa sempre brilhante e viva de Rocha Martins, raras vezes publica trechos dignos de interesse e opportunos como aquelle que transcreveu do seu numero de 4 de outubro de 1890, vespersa da revolução republicana, e no qual o sr. Henrique de Vasconcellos, em phrase bajuladora, enaltecia as primorosas qualidades de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, com o mesmo entusiasmo com que o sr. Julio Dantas, antes de descobrir a degenerescencia da raça dos Braganças, isto é, antes de perceber que lhe não era facil entrar para medico do Paço, prestou vibrante e merecida homenagem á figura, moral e intellectualmente superior, do fallecido principe D. Luiz Philippe.

E achamos interessante a transcripção que as *Novidades* fizeram d'este pedacinho de prosa do sr. Henrique de Vasconcellos, não porque alguma vez na Monarchia algum

se tivesse desvanecido pela fórma litteraria por que o que é hoje secretario da *Patria* entendis agradecer o chá e bolos que lhe dispensavam de vez em quando, mas por perver l'vir uma mais facil comparação entre a sua fastidiosa bajulação de outr'ora e a sua safada inocencia de hoje.

## Amnistia

Declara o *Mundo* que o eminente estadista, — trata-se, é claro, do sr. Affonso Costa. — é de opinião que a amnistia *pode ser concedida, mas opportunamente, em circumstancias especiaes de tempo e de pessoas, isto é, quando os conspiradores, tanto seculares, regulares (?) e leigos, pelo seu procedimento e attitude mostrem ser dignos d'ella.* Como se vê, não se pode ser nem mais preciso, nem mais claro, nem mais catholico.

A amnistia d'arso-ha opportunamente, mas não se sabe em que opportunidade será, porque não ha meio de saber quando e como o sr. Affonso Costa, o *Mundo*, o democratismo considerará aquellos que o articulista chama conspiradores, dignos da amnistia pelo seu procedimento e attitude.

Quando adherirem todos á Republica? Ainda assim ha-de ser necessario que, adherindo á Republica, se filiem no partido democratico, pois ha exemplos de terem sido perseguidos como conspiradores correligionarios do sr. Antonio José d'Almeida.

Quando suspenderem todos os jornaes monarchicos, ou quando delirantemente passarem a publicar-se sob a inspiração politica do chefe do democratismo, o com a fiscalisação directa do sr. Henrique de Vasconcellos?

Mas ainda mesmo que todos os monarchicos adherissem em massa ao democratismo e o passassem a defender nos seus jornaes, seria preciso que ninguém se lembrasse, — como nos julgamentos de pretendidos conspiradores se provou já ter-se feito, — de inventar reuniões conspiratorias em casa de qualquer pessoa da sua embriagação, para que o governo se dignasse considerar que o procedimento e attitude de todos os conspiradores era digno de merecer uma amnistia, que arrancasse aos horrores de infectas masmorras e aos tormentos das cellas da Penitenciaría os milhares de desgraçados que lá estão, uns sem sabrem porquê, outros sabendo muito bem que por vingança de inimigos seus, e todos pelo pavor que a Republica tem, consciente como está da sua fraqueza, de libertar o paiz da ameaça que constitue esse espectáculo de todas as prisões cheias de gente suspeita de não concordar com o regimen, que em 5 de outubro se implantou em Portugal.

Em todo o caso sempre diremos que achamos preferivel esta clara negação de amnistia, á promessa que d'ella fazia o partido evolucionista, que se tem provado não ter a força sufficiente nem a energia necessaria, nem talvez o desejo, para garantir depois os que com a amnistia aproveitassam, contra que novas perseguições, como aquellas de que tem sido victimas pretendidos conspiradores, que já absolvidos e reconhecidos innocentes, de novo tem sido presos e sujeitos a julgamento — que por acaso já o foram — sem que novos factos apparecessem a dar sequer parencias de justificação da nova prisão e ao novo julgamento.

## Teimas

O *Intransigente*, referindo-se a uma local publicada no *Seculo* acerca da Companhia de Ambaca, diz que fez bem a Companhia *em valorisar as suas acções apra que o poder não está entregue a mãos adversas*, prevenindo a quem de lá está á florista, agora que já a Republica não periga, pois que pode a Companhia teimar que elle, *Intransigente*, desafogadamente tratará da questão *com nomes e tudo*.

Seria descortezia da nossa parte, e não a queremos ter com o *Intransigente*, pôr em duvida que esse jornal fosse capaz de tratar desafogadamente do assumpto *com nomes e tudo*.

Mas não se nos pode levar a mal que tenhamos o palpite de que, embora a Companhia teima, — e hade teimar, — o *Intransigente* não se ha-de sentir tão desafogado por estes tempos mais proximos, que da questão se ocupe com todos os nomes e tudo.

## As independentes

Foi louvavel a intenção que teve o nosso illustre collega a *Nação* publicando os nomes dos individuos que compoem o chamado grupo dos *independentes*, para que o paiz conheça aquellos de cuja attitude na ultima crise ministerial dependia o serem restituídos á liberdade e ás suas familias, os milhares de desgraçados que nas prisões estão soffrendo os maiores tormentos.

E' louvavel a intenção porque do facto seria lamentavel que ficssem ignorados os nomes d'esses homens, que resolutamente tomaram a maior parte da responsabilidade

da continuação do martyrio de milhares de familias.

Infelizmente todas essas *oculturas* são d'uma nulidade tal, tão inúteis e insignificantes tem sido toda a sua vida, que nem mesmo depois de se lhes publicarem os nomes ellas deixam de ser desconhecidas.

E senão, veja lá a *Nação* se é capaz de dizer, — á parte o sr. Silva conhecido pela pasta que obteve da direcção dos correios e pela pasta que alcançou do fomento, — o que são ou o que foram, ou o que fizeram n'este mundo, antes ou depois d'esse gesto brutal que a mais tempo de tormentos e martyrios condemnou tantos desgraçados, — as outras 14 *oculturas* do tal grupo dos independentes.

## Accumulações

D. Juan de Menezes e Valbuena, perodista da *Lucta*, recorda que D. Luiz da Camara Leme largos annos insistiu sobre a sua lei de incommutabilidades politicas e burocraticas, sem que a sua insistência conseguisse commover os governos monarchicos, sempre dispostos a manter e a engravidar os seus partidos a custa dos cofres publicos, pela *distribuição de empregos aos correligionarios*.

Em seguida, mansamente, D. Juan de Menezes e Valbuena lembra aos poderes publicos ser necessario que uma lei no genero da de Camara Leme se faça, esquecendo-se porém de fazer acerca dos governos monarchicos as mesmas considerações que fez acerca dos governos monarchicos, o que seria justo, pois já lá vão uns poucos de ministerios, depois de 5 de Outubro e ainda nenhum se commoveu com as reclamações repetidas vezes feitas, para que se puzesse cobro a accumulacões escandalosas de varios taboares.

Achamos que o devia ter feito o perodista insignie, como, com a mesma sinceridade, achamos que muito bem fez elle em não se referir a republicanos, a proposito de distribuição de logares.

# PATHOLOGIA DA REPUBLICA

## PHOBIA RELIGIOSA

Entre as numerosas enfermidades phisicas da Republica, a sua incompatibilidade com as crenças tradicionais do povo (de cuja vontade collectiva ella, por outro lado, pretende ser a expressão) é uma das mais graves e agudas.

Não se trata já d'uma reserva positivista, d'uma duvida sceptica, d'uma these de nacionalismo, d'um sereno criterio de livre-pensamento, d'uma *ideia*, enfim, — o que seria admissivel. Trata-se d'um *sentimento* d'aversão, d'odio, de rancor, de violenta hostilidade — d'uma verdadeira phobia, com todas as suas caracteristicas.

A Republica, em materia religiosa, não analisa, não controverte, não argumenta. Nega pura e simplesmente. E á negação accrescenta a boçal e aggressiva intolerancia do sectarismo, irconciliavel inimigo da razão e da liberdade.

Sobre o pretexto d'um clericalismo, que, em Portugal, não tinha elementos de vida em virtude do sistema de relações entre a Egreja e o Estado, a Republica, recém-nascida apenas, proclamou o seu altruismo, ameaçou expulsar Deus das consciencias em moia duzia d'annos, troçou dos dogmas, apossou-se dos bens ecclesiasticos, profanou egrejas, derrubou, n'uma sanha barbara de iconoclasta, as imagens dos pobres santos e os velhos cruzeiros piedosos, prohibiu o culto externo, desterrou bispos e parochos, intimou-lhes mandado de despejo dos seus paços e presbyterios, diminuiu na chronologia a referencia á era christã, substituiu nos documentos officiaes (salvadora medida para os males da patria!) o *Deus garde* pela *Saude e fraternidade*, aboliu, por sua conta e risco, o celibato dos padres, esboçou um schisma com a famosa Egreja Lusitana... da Lourinhã — e vae agora, segundo nos revela um jornal, *secularisar* os nomes das parochias, substituindo os oragos mysticos por oragos historicos e civicos, chrismando a freguezia de Santa Izabel em freguezia Luiz de Camões e a freguezia dos Martyres em freguezia Bernardino Machado!

E' na forma um desvario quasi infan-

E achamos muito bem porque naturalmente o sr. Affonso Costa, declarando-se farto de doutores, mandal-o-hia cair e D. Juan de Menezes e Valbuena, que não pôde estar com ataques de nervos todos os dias, teria de metter a falla ao buxo, o que não seria positivamente brilhante da parte d'um membro illustre de um partido, que tem o governo nas unhas.

## Descentralisação

N'uma entrevista com o redactor do *Seculo* disse o sr. Alfredo de Magalhães que a corroborar a sua opinião de que se deve fazer a descentralisação administrativa e a autonomia financeira das colonias tinha, entre outros factos, o de ter ella sido *sempre defendida pelas pennas mais illustres que do assumpto se tem occupado, como Marianno, Antonio Ennes, Monzinho de Albuquerque, Freire de Andrade, Ernesto de Vilhena, etc.*

Como não acreditamos que o sr. Alfredo de Magalhães ignore que o sr. conselheiro Ayres de Ornellas, tendo tambem defendido sempre essa descentralisação, a começou pondo em pratica, quando ministro da marinha do gabinete João Franco, com o decreto dando á provincia de Moçambique a autonomia que o sr. Magalhães reclama, devemos concluir que o irrequieto republicano relegou para os *etc, etc*, justamente a penna que no assumpto mais praticamente pode manifestar-se.

O que fará então o sr. Magalhães á penna, nada illustre, do sr. correligionario Freitas Ribeiro que afastando-se por momentos do papel em que traçava as portarias sobre a questão do caminho de ferro Ambaca, descreveu medidas varias a inutilizar uma obra, que com tanto amor, tanto trabalho e tanto patriotismo fora estudada, defendida e por fim posta em pratica?

til, e no fundo uma verdadeira aberração de simples bom senso.

Se os Doutores da Republica, todos cheios de sociologias, de criterios scientificos, de orientações philosophicas, de evolucionismos, de positivismos, de leis historicas, de integrações, de todo o oce palavreado d'uma pseudo-ciencia de pichisbeque, tivessem os olhos abertos para as realidades da historia e da vida social e uma moderada cultura de espirito fóra das formulas do seu estreito sectarismo — elles comprehenderiam a imbecillidade de sua furia anti-religiosa e a inaudita dos esforços que empregam para dominar aquillo que, no homem, é justamente indomavel.

Para se aniquilar uma religião é preciso aniquilar a raça cujo genio a criou. As religiões são formações exponents do espirito humano, verdadeiras theorias transcendentales do supremo problema das Origens e da Finalidade, que, desde a alvorada da vida collectiva do homem, se lhe impoz como uma imperiosa obsessão. São phenomenos historicos, são feições de psychologia ethnica, que se podem alterar, modificar, combinar, com os cruzamentos das raças ou os contactos e a penetração dos povos e das civilisações. Mas são uma força coeterna da alma humana, que é ridiculo e grotesco imaginar que se vence com decretos e regulamentos.

Os espiritos mais independentes, aquellos mesmos que perderam a fé sem perderem o juizo, os que, n'um esclarecido scepticismo, reconhecem a fallivel contingencia e apenas relativa certeza d'esse puro ente de razão, que quasi divinisamos e a que demos o nome de *Verdades* — esses verdadeiros livres-pensadores reconhecem este facto. E se em sua consciencia, são *a-religiosos*, não são, de forma alguma, no diz respeito á vida social, *anti-religiosos*.

Os povos governam-se com as ideias dos seus philosophos, dos seus publicistas, dos seus homens d'estado; mas esses dirigentes não podem abstrair do temperamento, do caracter, dos sentimentos, da tradição da raça, cujos des-

tinios conduzem. As nações não são um barro molle, que se amolda a forma d'uma doutrina ou d'uma these politica. São um ser colectivo, que como um ser se tem de tratar.

Governar um povo contra a sua propria religião — é como governa-lo contra si mesmo. Puro despotismo, seja elle committido por uma autocracia ou por uma republica. E se já assim se não procede em parte alguma, nas relações das potencias europeias com os povos sobre que ellas estenderam o seu imperio fóra da Europa, — se a Inglaterra, a França, a Alemanha, Portugal mesmo, não são, na Asia ou na Africa, anti-budistas ou anti-mahometanos, antes respeitantes e protegem a fé e o culto dos povos seus vassallos — como se comprehende que o contrario se faça aqui, na Europa, dentro do proprio paiz que se governa, e contra uma religião que é a da quasi totalidade dos seus habitantes?

Mas, quando este simples espirito de tolerancia e de respeito pela consciencia alheia não bastasse para evitar a estúpida guerra religiosa, que a Republica, injusta e injustificavelmente, desencadeou em Portugal — uma outra consideração havia, que deveria impor-se ao espirito dos nossos reformadores, se elles fossem, realmente, como com jactanciosa sobranceira intellectual se apregoam, verdadeiros livres pensadores e não os torvos fanáticos, que são do mais sombrio e estreito jacobinismo.

Ao fundo de todas as religiões, com os seus dogmas, de todos os cultos, com as suas liturgias, ha sempre uma moral. E de todas as bases em que uma sociedade humana assenta, essa é a mais essencial, a mais imprescindivel de todas, ainda mesmo a economica, ainda mesmo a juridica.

Ora, *morae theoreticas* são facéis de improvisar, de sustentar em thesa. Mas uma *moral practica*, consagrada pelo uso, dogmatizada pela tradição, fortificada e idealizada pela fé, enraizada na consciencia transmitida pelo sangue — essa não se improvisa, tem, essa *por ora* e *para effeitos collectivos*, ninguem de claro juizo e com o senso das realidades ousará affirmar que se possa dar a um povo fóra do envolver confessional, na cathedra, no templo, na basilica, na sinagoga, na mesquita ou no pagode.

Não sabemos se o genio mosaico do sr. Theophilo Braga tem algum Decalogo leigo, elaborado ou em elaboração, para uso do povo portuguez, como não sabemos se o *Diario do Governo* não publicará, qualquer dia, os Evangelhos dos quatro evangelistas da Revolução, Alfonso, Bernardino, Camacho e Antonio José.

No entanto, diremos a estes senho'es que enquanto essas sublimes coisas não veem cá para fóra, bem avisados andariam deixando em paz bispos, padres, egrejas, capellas, imagens, cruzes, preciosas, que a sua violenta phobia religiosa os levou a perseguir, a destruir e a prohibir, no mais grosseiro vandalismo mental e esthetico.

Porque, pensando que destruíam uma hecocracia odiosa, nada mais fizeram do que tyrannisar um povo em seus mais intimos sentimentos e prival-o do seu melhor e mais rico alimento moral.

Doutor Thalassa.

## A TODOS CONVEM SABER

Que para se obter agua absolutamente pura é indispensavel fazer uso d'um Filtro Chamberland Systema Pasteur, o unico capaz de se oppor efficazmente á transmissão das doencas pelas aguas. Approvado pela Academia de Medicina de Paris, Academia das Sciencias, «Premio Montyon». Pedir catalogos illustrados a

J. L. MEYRELLES

Depositario para Portugal e Colonias  
Rua Nova do Almada, 79, Lisboa

# O GENIO LATINO

Entrevista com Paul Adam

Provoçada esta entrevista pela recente viagem de Paul Adam ao Brasil, é do Brazil que se começa por falar, percorrendo a palavra do romancista do *Trust* a sua viagem, evocando com uma sobriedade magistral, em dois traços, a que elle considera uma das mais bellas capitales do mundo — o Rio de Janeiro — cosmopolita foerica que nasceu n'um berço d'outra, embalado pelo oceano e tendo por doces as frondes acricinhas dos seus mórtes.

— Que impressões traz do Amazonas? Não achou monotonia e perseguidora, orgulhosa grandéza amazonica?

Os primeiros planos... talvez. Mas depois, o emmaranhado dos segundos planos, prometendo já a floresta, annunciando o sertão, é muito bello. Essas margens do Amazonas deram-me a impressão d'uma Versailles gigantea, cujos segredos a flora sobrenatural do sertão guardasse pudicamente no seu solo virgem, cobrindo o côlito com as suas linhas barbaças, onde palpita voluptuosidade e força!

— Lembra-se, na viagem de S. Paulo a Santos, d'aquelle dólido com orchideas e fetos bordando a terra, parasitas brocadas saindo de cada fundo, como se os abyssos houvessem florado a botoeira?

— Lembro. E não é esse o unico assombro que trago dos meus cinco mezes de Brazil. O Paraná é ainda mais empolgante. Havia muito que, conhecendo brasileiros illustres em Paris, homens de letras e homens publicos que por aqui passavam, eu desejava conhecer o Brazil. Viajei o cinco mezes, viajei-la cinco annos, se a minha vida de letras m'o permitisse.

— Tenciona voltar?

— Se um dia se me offerecesse occasião, com muito prazer. Mas por agora, com as notas que tomei não me parece que tenha tão cédo necessidade de repetir a minha viagem.

— Ouvi que trazia grandes projectos sobre o Brazil, supuz que voltasse por essas empresas, e cheguei a recear que as letras perdessem a sua assiduidade, seduzido por qualquer sonho agricola ou industrial.

— Nada d'isso. A minha missão é muito simples: Ver se posso interessar o mundo da financa franceza pelo esplendido campo de trabalho que é o Brazil. A França precisa, como todas as grandes civilizações produtoras, cada vez mais de mercados; o Brazil apenas precisa d'outra. A França e o Brazil são duas forças que se ligam. Levar ao Brazil a irrigação d'outra que é a sua unica necessidade para a prosperidade do final triumpho, e pregar á França a reconquista do vasto mercado economico que já foi para nós o Brazil, que nós imprevidentemente abandonámos, e que é indispensavel adquirir, eis a minha aspiração do economista e de artista.

E foi, então, um verdadeiro capitulo de grande romance, essa descriptiva empolgante das exposições d'arte franceza a realizar nos palacios de S. Paulo e do Rio, da criação d'um lyceum francez na capital federal, de um edificio commercial e financeiro onde habitaria, coroada de gloria e de riquezas, mais uma conquista gallica, conquista de paz, de amor, e de bem comprehendida symbiose de interesses.

Paul Adam ao voltar as paginas d'esse sonho, que poucos annos farão realidade, está em pleno poder confirmador; a sua mobilidade physiologica, o seu gesto preciso, accompanham a factura orl d'essa obra prima. E quando o final do projecto, do seu trabalho de litterato e de economista está descripto, com os traços felizes d'um final de capitulo, Paul Adam toma nas duas mãos esse panorama vidente, e erguendo-o, n'um minuto de contemplação, pouso-o no regaço da Nação Franceza.

— E o Brazil, notámos nós, está mais do que preparado para ser reconquistado por todas as actividades francezas. O Brazil, suprema gloria da colonização portugueza, é, como Portugal, um admirador da França: da sua litteratura, da sua arte, das suas moedas, do seu genio elegante e claro. Os medos da geração litteraria anterior á minha foram accusados do terrore, por vezes, uma architectura litteraria muito franceza, de imitarem a arte franceza de escrever.

Observação original de Paul Adam sobre a litteratura portugueza.

— Injusta, injusta accusação! exclama P. Adam. Os escriptores portuguezes não nos imitam; escriptores francezes e escriptores portuguezes são escriptores latinos. Nós somos todos latinos. Provimos da mesma massa barbara, levedada pela mesma invasão romana. Influencias climatericas, pequenos coefficients destacaram o povo latino nos povos francez, portuguez, hispanhol, italiano. Mas o fundo structural da raça lá ficou indeleavel e eterno. E, escreva em por-

tuguez, escreva em francez, o genio latino é sempre o mesmo genio latino que descobriu os grandes principios experimentaes, souhou as mais assombrosas invenções, realizou o cyclo sobrenatural das descobertas, o mesmo genio que se debruçou sobre a materia e observou e registou a lei da atração, que se metten ao mar e traçou a róta do caminho maritimo para as Indias, e que se atreveu com o espaço e descobriu a aviação.

E sobre este hymno reivindicador da pujança do feudo genio latino, traçado com o entusiasmo d'um meridional e d'um latino, a palavra quente de Paul Adam conta-nos esta sua encantadora e original observação:

— A surpresa que eu tive ao ler o primeiro livro portuguez... E quer saber qual foi essa surpresa? Foi notar que o escriptor portuguez tem a mesmissima encadeação das ideias que o escriptor francez. Não é a disposição grafica das palavras; é a ideia, são os pensamentos que se dispõem incoerentemente da mesma maneira. Ora, os escriptores portuguezes poderiam imitar a nossa forma litteraria, podiam traduzir ou appropriar intraduzidas as nossas expressões adoptar uma escola litteraria em voga; o que elles nunca podiam fazer voluntaria e imitativamente é essa encadeação das ideias que é a mesma nos cerebros portuguezes e nos cerebros francezes. Somos todos latinos!... exclamou Paul Adam que tem a veneração pelo genio latino n'este incardnado.

— Já que falamos em litteratura, qual é a sua opinião—o theatro maiou o romance ou temo apenas sonogado em carcere privado?

— O theatro, salvo algumas excepções, não é já arte. É um digestivo para uns milhares de pequenias merseitas digerirem em paz e bonhomia os seus azotados jantares. Está reduzido a uma distração. Pode o dramaturgo mais celebre da França ter escripto uma scena que seja uma obra prima; se o actor, um Guity, entender que o merecimento não gostará, corta-a, porque o valor da peça é dar um bom e eterno cartaz. A não ser Sarah Bernhardt, que teve sempre respeito pela Arte, e com sacrificio ás vezes—, o mais, em geral o criterio do director theatral é este: O mal está em que o autor não conta para essas senhores. Quem lida com o publico é o intermediario—o actor. O publico já não vê a peça; vê Guity. O actor substitui-se, pois, ao autor, tomou-lhe a celebridade, o nome, e o theatro está nas mãos d'elles. Por isso, o theatro já não é sequer litteratura, havendo em todo o caso em França nataveis dramaturgos e comedigraphos illustres. O theatro hoje é jornalismo. *C'est da petit journalisme!*

— E o romance? Para onde vai o romance?

— Varios caminhos se abrem diante do romance. Por mim, fatigado do romance, tal como se estava fazendo, perguntei a mim mesmo se, embora na alma latia o amor tome um grande espaço, todavia a vida do homem era completamente absorvida pelo sentimento, alheando-o do resto. E como não era assim, eu disse entre mim: porque não darei eu uma Vida, em que—sem tirar ao amor o lugar proeminente que elle tem na vida d'esta raça,—mais d'acordo com a verdade, abraça todas as suas outras preocupações, negocios, os trabalhos a synthese da vida de relação tal qual ellas se exprime na vida social, de individuo para individuo, de familia para familia, de sociedade para sociedade e de povo para povo, ligando o mundo no mesmo turbilhão de interesses e de paixões?... Seria isto um erro andaz, ou estarei eu precedido por qualquer obra que me tranquillizasse poder desitar por esse caminho? Estava precedido, na antiguidade pela *Aligada*, que não d'outra coisa senão um estúpido romance, e estava precedido, nos modernos tempos, pela *Guerre et la Paix*, de Tolstoy. Escrevi o *Trust*, a acção passada em quatro paizes...

— Conheço.

— Parece-me que não me enganei, quando reputel o publico enjoado do romance de adulterio. O *Trust* é a minha maior tiragem.

— E é a senda da verdade.

— E' pelo menos uma. Ha outras!...

E d'essa concepção do romance reproduzindo a vida do homem enredado no labyrintho dos negocios, debatendo-se n'essa escarminha negação do livre arbitrio, triste unidade do seu bairro, da sua cidade, do seu paiz, do seu globo,—e não isolado na janella ou na gondola do romantismo,—a conversação inclinou-se para as grandes preocupações da França e da Europa: as guerras, os mercados colonias, o internacionalismo e o patriotismo, o seculo XX!

Paul Adam fez, então, uma verdadeira conferencia, de que este trecho de hoje é, apesar de interessante, menos interessante do que os que restam por publicar, e que são

d'um alto, palpitante valor, o sulco do valente do escriptor francez passeando majestuosamente o pensamento pelo globo, e deixando em cada meridiano um marco d'outra do seu genio bem latino.

Joaquim Leitão.

## A CRISE POLITICA EM FRANÇA

*C'est un régime badin!* diz o Duque de Mouteirior no *Habit Vert* fallando do regimen republicano. E é preciso ouvir o tom e a expressão que esse comediantie incomparavel, que é o Guy, dá á phrase, para se sentir o absurdo e a patetice d'um systema que parece collocar uma grande nação com a cabeça para baixo e os pés para o ar. A dissociação, a separação até, do parlamento e da nação é já uma opposição declarada: os parlamentares decidem-se e procedem sempre ao contrario do interesse superior do paiz: e isto, porque são elles, isto é porque são jacobinos, porque a sua mentalidade não dá para mais, porque o seu espirito não vê mais longe que a paixão sectaria ou o interesse da loja. «Espirito tacanho, paixões muito fortes, incapacidade em se decidir pelo raciocinio, sectarismo intenso», escreve o mestre Gustavo Le Bon, taes são os componentes da alma jacobina».

Estamos acostumados pela historia a vêr isto tudo em acção; assistimos aqui todos os dias ás consequencias praticas d'essa mentalidade inferior; é a lei da separação, é a organização dos syndicatos em confederação, é o *exercito democratizado*. Sob a bal da d'esta expressão, antinomica por natureza, desfarça-se uma longa acção tendendo a *castar* toda a força militar d'um povo: significa uma tropa de milicianos commandada por chefes de loja: é o ideal para que se trabalha. Durante um longo periodo de annos, uma série de ministros da Guerra, André, Picquart, Brun, Bertheaux, o actor da nefasta lei dos dois annos, presidiram em França á defeza nacional para a desrganisar.

Acontece que factos recentes demonstraram como perigava o nome da França: o Governo teve uma vez que allijar o ministro dos estrangeiros Delcassé, sob a imposição da Alemanha.

Agora estava no ministerio da Guerra um homem que bastantes afirmações republicanas tinha no seu activo: ainda não ha muito, respondia na Camara ao Commandante Driant que nunca obrigaria um official a saber d'uma loja magonica. Mas isto não era sufficiente: o que se quer é a maçonaria a mandar. E Millerand collocava em regra os officiaes independentemente das razões que em euphemismo corrente chamam de *defeza republicana*. Além d'isso a véra administração assumiu o caracter d'uma reconstituição; restauará no paiz e no exercito o espirito militar, a confiança nas suas forças, dando-lhe uma altiva comprehensão do sentimento nacional. Essa força moral, *c'est la partie divine*, na phrase elevada de Napoleão; pois esse elemento precioso entre todos, é destruido no momento em que a Austria tem 900 mil homens nas fronteiras, a Alemanha antecipa a convocação dos reservistas e a Russia não passa á reserva a classe que devia ser licenciada ao começar do novo anno!

Como serviço prestado pelo parlamentarismo ao paiz, é difficil na verdade ser excedido!

E o que tinha feito Millerand?

Houve, por occasião da questão Dreyfus, um tenente coronel que fora reformado: era o official que por dever d'officio tinha denunciado a traição. Note-se que ninguem tem hoje duvidas sobre o facto da traição. Mas houve amnistia sobre tudo que se relacionara com a Affaire. Esse tenente coronel tem trez

filhos no exercito: os ruidos ameaçadores de guerra fizeram-no saber do seu silencio e pedir para poder ainda dar a vida pelo seu paiz. O ministro deu-lhe um lugar correspondente á sua patente, na territorial, isto é, teria que guardar em tempo de guerra alguma parte de caminho de ferro. Eis o atentado contra a Republica! Eis porque todo o trabalho de reorganisação militar, é n'um momento de crise, como a Europa não conhece outro ha meio seculo, sacrificado á intolerancia sectaria e jacobina.

Porque o essencial do caso está em que o Presidente do Conselho não cobriu o ministro da Guerra. Abandonando assim o seu collega, M. Poincaré collocou-se ao lado d'aquelles que o expulsaram do ministerio, porque estava reorganizando o exercito. Mais nada.

Seria para isto que M. Poincaré punha a sua candidatura á Presidencia da Republica, na plataforma do bom renome da França e da sua dignidade perante o estrangeiro?

Atencão ainda que o tenente coronel Do Paty de Clam prestará recentemente ao Ministerio da Guerra serviços importantes de informação: a reintegração no exercito, afinal um acto de simples justiça, era ainda aos olhos de Millerand um reconhecimento desses serviços. Era mais um motivo para que Poincaré defendesse o collega. Mas ha a eleição no dia 17 e a ambição pessoal callou tudo o mais.

Parece-nos bem que terá sido em vão: a demissão de Millerand não desarma o *combismo* nem sacia os rancores que Poincaré e B'land tem despertado entre o Bloco. Não ganha a extrema esquerda e perde naturalmente os elementos que viam na sua eleição, sobretudo, a continuação do esforço para dar á França o lugar, que historicamente lhe compete no mundo.

Mas a convicção vai sendo cada vez mais fundada de que tal lugar é *incompartivel* com o *regimen republicano*. E para nós é ainda convicção que esta demissão Millerand marcará o inicio da luta decisiva entre o Parlamentarismo republicano e o Paiz. E' por isso que a queremos registrar.

Não vê, Mr. Poincaré a situação? Por certo que sim. Mas porque não appella para o paiz? Se houvesse hoje um plebiscito sobre a pergunta:—Deve continuar a ser ministro da Guerra Millerand?—os *Sim* contar-se-hiam aos milhares, contra algumas dezenas de milhares de *Não*. E então?

Mas Mr. Poincaré é politico e parlamentar. Vive na ficção de que o parlamento representa o paiz, ficção absurda que faz saber d'elle o Presidente da Republica representando assim da maioria, ou das irrelevantes combinações da maioria eleitoral. A mentalidade *sui generis* do parlamentar fallocia-lhe por completo a visão nitida do facto exterior. Os nossos homens publicos perderam a Monarchia por passaram a vida a olhar para as Camaras e a pensar n'ellas. Lá eram formados e de lá sahiam. E todas as questões eram portanto, primeiro que tudo, questões parlamentares.

Mr. Poincaré dá um grande golpe na sua situação e compromete gravemente o regimen republicano, collocando-se n'uma crise d'esta natureza dentro do Parlamento e fora do Paiz.

Paris, 13 de janeiro de 1913.

Ayres d'Ornellas

## PHANTASIAS

### Os lobos

(Historia velha para reis novos).

Era uma vez um principe que habitava um palacio do Oriente, isto é, um palacio situado para as bandas do nascente.

Em volta do palacio, pelos vastos domínios do principe, toda a noite viviam os lobos, procurando invadir o desejoso das boas cousas que por lá havia.

Já uma vez, em tempos idos, elles tinham conseguido entrar no palacio e n'elle se instalaram. Mas pouco tempo por lá tinham ficado, pois o povo d'aquellas redondezas, não lhe supportando mais o animo, as devastações que os lobos commettiam, do palacio os expulsara um dia, e por maneira que por largo tempo os lobos se limitaram a uivar de longe.

Pouco a pouco porém foram-se de novo aproximando e, enchendo-se de audacia, recommencaram as suas investidas, lançando por vezes no pavor e na desordem algumas aldeias dos domínios do principe, e tendo chegado mesmo ao ponto de matarem um dos guardas do palacio, descuidado do perigo que o ameaçava.

Tempos passados tomou o principe um novo chefe para a sua guarda, hopouco atlado, que para acabar com aquelle uivar dos lobos, que o não deixavam dormir de noite, e com aquelle desasosiego que o não deixava descansar de dia, se lembrou de aconselhar o principe, a que chissas ao palacio um lobo velho, que pouco uivasse, e por intermedio d'elle procurasse um accordo com todas os outros lobos, de forma a que podesse haver socego nos domínios de sua alteza.

Concordou o principe e chamando ao palacio o velho lobo com muitas fillas brandas e gentilezas o tratou, entre os dois ficando combinado que, embora os lobos não tómassem posse do palacio, por lá poderiam apparecer a olhar de perto o que lá se passasse e a de certo modo interviem no que necessario fosse se fazendo.

Ajustado foi o accordo e certo socego houve em volta do palacio por algumas noites, o que descaçou o principe, ouvando-se de ter seguido os conselhos do chefe da sua guarda, e o que permitiu ao pessoal do palacio tratar de outros affazeres, descuidado da guarda já desnecessaria pelo socego em que se mostravam os lobos, que de aspecto tranquillo, passeavam pelos domínios do principe e de vez em quando mandavam ao palacio um delegado seu a pedir cousas e a lembrar promessas.

Um dia porem, quando o principe mais uma vez se congratulava pelo accordo estabelecido, os lobos, aproveitando-se da liberdade que lhes era dada, e do descuido que depois do pacto havia na guarda do palacio, juntaram-se e rompendo pelas portas abertas de par em par, devoraram o principe e muitos dos seus guardas, deixando que em paz se fuisse, a salvo da rascada, o chefe imprudente, que aconselhara as negociações.

Depois installaram-se á meza e por lá se ficaram devorando tudo o que no palacio havia.

Moralidade

Louco é aquelle que se mette na bocca do lobo, pois pode domesticar-se um leão, pode domesticar-se uma serpente, mas não se domesticam lobos.

Anselmo.

## DEMOCRACIA

III

Na sua definição mais bombastica, com maiores pretensões á finalidade d'expressão, diariamente repetida pela imprensa republicana (antes da revolução: depois tem cahido em esquecimento) democracia será — o governo do povo, exercido pelo povo e em beneficio do povo.

Desfitemos com paciência esta redundancia e vejamos aonde ella nos leva.

Por povo deve entender-se, etymologicamente, o aggregado total dos individuos que, ligados pelo braço da nacionalidade historica, constituem a população de um paiz. Mas, sendo assim, a emphatica phrase, que a democracia adopta na actualidade como promessa de novidade redemptora, apparece-nos singularmente desprovida de qualquer sentido mifístico. Porque: qualquer povo, isto é, governo da nação, existe em toda a parte, visto sem elle não poderem passar as sociedades humanas; em todos os paizes independentes esse governo procura sempre beneficiar os nacionaes, especialmente mantendo a ordem entre elles proprios e defendendo-os dos inimigos externos, pois outra não é a sua função primaria; e salvo o caso, inexistente hoje em dia, nas raças brancas pelo menos, de uma autocracia extrema, de um *tzarismo* absoluto, em que um só homem ordena e todos os demais obedecem, uma vez estabelecida a representação da vontade nacional, esse governo é, tão de facto quanto possível, exercido pelo povo, porque do poder estarão investidos os delegados da população, por esta eleitos.

Mas os padres-mestres da democracia continuam bradando pelo mundo inteiro, não só pela Europa, onde predominam monarchias, mas tambem pelas Americas totalmente republicanas, qua o dia da pura democracia ainda não desponhou sobre paiz algum. E tanto clamam d'esta maneira na Russia, cuja constituição parlamentar é recentissima e ainda acanhada, como nas mais antigas republicas do Velho e do Novo-Mundo, muitas das quaes já alcançaram proceltas edades centenarias.

Que querem pois os messianicos reformadores congregados na hoste democratica, que promettem elles, para que conquista intam todos os povos á revolta? Não os satisfazem, como padrões do organismo politico futuro, nenhuma das diversissimas formulas, que a humanidade tem posto em pratica nos milhares d'annos da sua existencia. Regem-na, tanto como as anteriores, a unica solução adoptada universalmente, conhecida como o *systema* parlamentar, segundo o qual a soberania da nação se exerce essencialmente pelo voto da população, em primeira instancia, para escolha dos seus representantes; das assembleias d'estes, seguidamente, para elaboração das leis e para a elevação ao poder, ou destituição d'elle, de determinados agentes do executivo. E infere-se que a regem-na porque, como as populações ao presente interveem realmente na governação de todos os paizes pelo exercicio d'esse voto, o avanço a realizar, em materia de representação popular, só poderia ser objectivado na ampliação da referida representação, isto é, na extensão do suffragio eleitoral a um maior numero de pessoas ou, levada a theoria ao extremo, a todos os seres, de qualquer sexo ou condições: programma de meritos discutíveis, mas que ao menos é claro, cuja realisação é uma questão simples, de mera evolução, que dispensa os riscos e perigos de movimentos revolucionarios, e para o qual já existia de ha muito tempo, cunhada e prompta, uma rubrica apropriada — suffragio universal.

Mas a formula democratica e os commentarios que d'ella são feitos pelos que se perfiham não contem tão somente negações; envolvem tambem affirmações.

E muito embora estas sejam expressadas de uma maneira confusa, ou antes, precisamente por que assim são proferidas, é miste destrinçal-as com paciência.

A primeira d'essas affirmações refere-se á novidade, á originalidade que é reclamada para o *systema* democratico. Essa affirmação de novidade tambem, por seu lado, corrobora a critica destructiva, a rejeição formal, que os

puros democratas proferem contra os regimens politicos existentes.

Que novidade é essa?

Vejamos qual ella possa ser e para isso circzimos os fios diversos da trama de principios, sobre a qual se pretende bordar a yantufa democratica que a humanidade deve, toda ella e sem attentão á diversidade de tamanho de pés, ser obrigada a calçar.

Teremos, como intangível questão de principios: completa liberdade, perfeita egualdade e divina fraternidade para todos os cidadãos. Descurando a banalidade do terceiro dogma, para melhor nos dedicarmos aos dois primeiros, deveremos considerar estes no terreno politico, tambem, o que nos dá: completa liberdade politica e perfeita egualdade politica, para todos e para cada um.

Mas estas duas proposições, tanto isoladamente como em conjuncto, excluem por completo a ideia de sujeição do individuo a qualquer poder externo. E como governar é exercer o poder, conclue-se que esse prévio e formal repudio de qualquer sujeição nos leva directos a um becco de logica abstracta, em que se não encontra saída para a concepção de uma viavel formula de governo do Estado, compost' por tão delirantes creaturas. Conduzindo-nos assim á anarchia, a pura doutrina democratica revela-nos o insanavel absurdo do seu credo.

E logo pouco a sua expressão moderna, da qual desaparecem emphases sobre liberdade e egualdade, lhe evita a queda no mesmo abismo. Porque, de facto, condemnados todos os *systemas* politicos postos successivamente em vigor desde a mais remota antiguidade até ao presente, do mais extremo autocracismo ao mais lato parlamentarismo, o pretendido avanço em materia de conquistas politicas, traduzido pela legenda—governo do povo, exercido pelo povo e em beneficio do povo— a significar alguma cousa e alguma cousa de novidade, só pôde indicar uma aspiração ao conferimento de effectivo e directo poder politico a todos os membros da população, e no mesmo grau a cada um. Ora governo de todos é governo de ninguém. Perfeita egualdade de poderes politicos é a anulação do poder.

Universalisação da função governativa e ausencia de uma supremacia consituida são expressões de identica alcance e, tanto como as anteriores, elementares definições do vocabulo anarchia.

Eduardo Lupi.

## Diplomatas

No momento em que escrevemos estas linhas corre veloz o *hazo* de que o sr. João Chagas bate as azas murchas de Paris, dirigindo sen vô) para a legação em Berne, de onde Guerra Junqueiro partirá a representar, sempre com o mesmo brilho mas com mais assiduidade, o governo da Republica junto das vinhas de Barca d'Alva.

Para Paris irá, segundo parece, o sr. José Belvas que, sendo um musico muito apreciavel, poderá ao menos aproveitar as noites de *Magic City* entrando para a orchestra do salão de baile, se na grande capital franceza o tratarem com o mesmo desdém, com que tem sido tratado o sr. João Chagas.

Na legação de Madrid será o sr. Relvas substituído, ao que se diz, pelo sr. Augusto de Vasconcellos, que decididamente só considerará finda a sua missão junto do governo hespanhol quando conseguir fazer expulsar de Hespanha, como conspiradora, a serra de Guadarrama, e tiver feito apprehender nas fachadas de todos os edificios as armas dos reinos de *Leon* e *Castilla*, como suspensas de serem destinadas aos monarchicos portuguezes.

# De Antonio Ennes a Mouzinho

Entrevista com Ayres d'Ornellas

Estudada a obra militar de Mouzinho, mostrado como o que o heroe de Chaimite fez não foram impulsividades épicas, mas a decisão de operações que o seu genio militar consciente, longamente delineara, em face das necessidades do nosso imperio africano, seguiu-se naturalmente estudar como a historia colonial d'este quartel de seculo foi também consciente e dirigida por uma unidade de vistas, que honra a geração.

Antonio Ennes e Mouzinho d'Albuquerque fizeram escola, educaram continuadores para a obra colonial portuguesa na Africa do Sul.

Dentre esses continuadores, Ayres d'Ornellas, que é dos que mais teem a sagrada paixão pelo monumento colonial português e que, pela sua obra de ministro de 1907; realison um dos basilares principios da escola de Antonio Ennes, dando a descentralisação a Moçambique, bem pode ser considerado como um herdeiro do pensamento colonial de Antonio Ennes e de Mouzinho d'Albuquerque.

Ayres d'Ornellas dir-nos-ha, pois, na impressionante brevidade d'uma synthese, uma licta do que foi esse cyclo da nossa obra colonial africana, que vai d'Ennes a Mouzinho, e provará assim como foi consciente e premeditada a colonisação portugueza, desde que o espirito de Antonio Ennes passou pela aridez africana, o *paranache* de Mouzinho estovou na nossa historia, e o punho do heroe esfregou os olhos dos que no Terreiro do Raço dormiam o somno de pedra.

Depois da trindade dos genios portuguezes, o Infante Navegador, o Principe Perfeito e Afonso d'Albuquerque, Portugal só torna a reatar o fio consciente dos seus destinos, n'essa geração de Antonio Ennes e Mouzinho.

Repassa-la, revivê-la, synthetisa-la não é só visitar o nosso Pathéon colonial, mas pregar a um povo desalentado esta verdade recontortadora: se a felicidade de uma nação se não edifica com leis theoreticas, um futuro de gloria e de honra collectiva não é um sonho vão, a que dez ou vinte annos de trabalho não possam dar realidade.

Ouçamos, pois, Ayres d'Ornellas contar-nos como e em que axiomaticos principios assentava a escola d'Ennes e Mouzinho, e veremos como nos sentiram envergonhados de estar a confiar da clemencia da sorte e do milagre—o milagre não bafija os preguicosos!—, o que está nas nossas mãos e nos nossos braços.

## A carta roteira da nossa colonisação

—O relatório de Antonio Ennes depois da 1.<sup>a</sup> viagem, em seguida ao *ultima tam*, tem, se não me engano, a data de setembro de 1893—, começa a historiar o sr. Ayres d'Ornellas com a precisão do seu traço, que vai directamente ao assumpto, e é logo a primeira tiuta o reconstitue. —N'ello, o commissario regio desenvolve os dois principios fundamtaes: 1.<sup>o</sup> Que não encontrara na provincia razão alguma, de ordem interna, que motivasse o facto d'ella não ser para a metropole um poderosissimo elemento de riqueza. Quer dizer, a provincia tinha elementos naturaes para dar uma grande colonia d'exploração, não fallando na situação geographica, que tamanha importancia lhe garantia; 2.<sup>o</sup> Para isto —para que a metropole podesse aproveitar a riqueza que tinha nas mãos—, era preciso convencer-se de que *só em Moçambique se pode governar Moçambique* (textual). Quer dizer: Antonio Ennes

vira immediatamente, e tornava assim para nós verdadeiramente nacional o principio basilar de toda a colonisação — o governo local, radicando interesses e creando riqueza. Quando Antonio Ennes voltou commissario regio das Terras da Corôa, a direcção da acção militar absorveu-lhe naturalmente muito, senão todo o tempo necessario para a administração da provincia. Mas não só ella lhe ficou devendo o ter assim definido os principios, em que o seu governo devia assentar, mas ainda com a reorganisação dos *spras da corôa*, e com o estabelecimento das circumscripções civis em Lourenço Marques, deixava dois typos acabados da *colonia de exploração* e da *ocupação* depois de uma conquista. Já por aqui pode ver que o que se chamava a *mania da descentralisação* não era uma utopia nem um devaneo, nem era um *systema* importado do estrangeiro, — era a resolução local d'um problema, encontrada por um espirito eminentemente agudo e essencialmente pratico.

—E o governo de Mouzinho?

—O governo de Mouzinho d'Albuquerque não se orientou de outra forma. Valorizar e fazer render a provincia foi o seu objectivo constante. E a synthese da administração de Mouzinho d'Albuquerque é eloquente, e traça-se com numeros, factos de reter de memoria. O orçamento de Naves Ferreira, em 1894, dava 1:200 e tantos contos de reis de receita; Mouzinho deixou as receitas em 4 mil contos, tendo pago todas as despesas militares.

—Como? Como?... Então as despesas da guerra não foram um encargo para o tesouro da metropole?

—Não, senhor. Foi tudo pago com as receitas que as boas consequências da occupação trouxeram aos cofres da provincia. No tempo de Antonio Ennes e de Mouzinho, o problema da Africa do sul Britânica não estava ainda resolvido. As republicas boers tinham uma situação de quasi independencia, excepto no que dizia respeito ás relações exteriores. Mas a situação geographica do porto de Lourenço Marques era já um factor importante na vida economica da Africa Austral. Isto provém de duas razões, eubora naturaes: 1.<sup>a</sup> A superioridade incontestavel do porto de Lourenço Marques como porto e abrigo, sobre todos os outros portos até ao Cabo; 2.<sup>a</sup> E' que a distancia de Lourenço Marques á região aurifera do Rand é muito menor do que a que a separa de qualquer dos outros portos. Era, portanto, tendencia natural dos Boers quererem servir-se do nosso porto em opposição aos portos inglezes, e isso tornava a nossa situação em frente dos mesmos inglezes, sempre digna de especial cuidado. Tíhamos por interesse nosso, de facilitar ao Transvaal essa nossa via commercial, nas não podiamos ligar-nos ao Transvaal de uma forma tão intima, que nos acareatasse as represalias da Africa do Sul Ingleza.

Tanto Ennes, como depois o Mouzinho, trabalharam com porfia e afinco para que o caminho de ferro e o porto de Lourenço Marques viessem a ser para nós verdadeiros elementos de riqueza. Tanto um como outro muito contribuíram para que os serviços se effectuassem com mais rapidez e economia. Por outro lado Mouzinho com o regulamento do trabalho indigena — a que já fiz referencia —, tornava o trabalho das Minas dependente do fornecimento dos indigenas do nosso territorio, collocando assim nas nossas mãos um elemento incomparavel para manter o

equilibrio, a que a nossa posição nos obrigava.

## A politica de Mouzinho na Africa do Sul

—Mouzinho foi, pois, mais do que um guerreiro?

—Mouzinho foi um cerebro privilegiado, completo.

Todas as qualidades militares, todos os impetus do heroe, e todas as reflexões do politico. E o que venho de resumir quer dizer que a politica de Mouzinho, acerca da Africa do Sul, não fôra vista, — mas definida e estabelecida por elle —, quando em principios de 1898 veio á Europa, gosar d'um descanso bem merecido, e recebe no seu paiz como em França, na Inglaterra, e na Alemanha um acolhimento e distincções, que por certo o honraram muito a elle, mas que em grande parte recahiam sobre o paiz, que elle tão brilhantemente representava. Não é tudo o que ha a dizer, mas por hoje ficamos por aqui, e n'otra entrevista continuarei este resumo da obra colonial portugueza, que assentou sobre esses dois collosaes pilares: Ennes e Mouzinho.

Por hoje dois factos ficam já assentes. D'ahi data o axioma da descentralisação, e a essa geração colonial se deve a descentralisação, que a Republica encontrou e que destruiu, deitando-a abaixo, porque era obra *thalassa*.

Joaquim Leitão

## Prophecias

Ha tempos, quando do seu regresso de Paris, onde alguns dias vivera lidando principalmente com elementos maçonicos, o sr. Brito Camacho appareceu na *Lucta* propheticando que o novo presidente da Republica Franceza seria Pams, e então quasi ignorado, politicamente falando, ministro da agricultura do gabinete Poincaré.

Esta prophesia do sr. Brito Camacho, conhecida as condições que levaram Pams a um triumpho nas reuniões preparatorias de grupos republicanos, embora o não tivessem feito triumphar nos escrutínios definitivos de Versailles, é muito interessantemente elucidativa da opinião que o director da *Lucta* tem sobre a seriedade e a sinceridade das eleições para o mais alto cargo de uma Republica.

Quando o sr. Brito Camacho estava em Paris só n'um meio muito restricto se sabia que Pams pensava em apresentar a sua candidatura á presidencia da Republica, e só um numero mais restricto ainda de pessoas conhecia as manobras de que elle estava lançando mão a preparar a sua eleição, manobras que só mais tarde os jornaes desvendaram, e que consistiam em ir comprando as dividas, que ao fallecido ministro da guerra Berthaux linha grande numero de deputados da esquerda.

Pams, conecedor da moralidade de muitos dos seus correligionarios, contra os quaes na imprensa franceza se fez agora a mais viva campanha, reuniu assim os meios seguros de se garantir na futura eleição um formidavel numero de votos, e como é rico, immensamente rico, mais rico mesmo do que lealmente poderia confessar, facil é calcular de que outros meios, conhecido já aquelle, esse candidato de Combes e de Clemenceau, foi lançando mão para se assegurar uma maioria, quando não já para a reunião definitiva, pel' menos para as reuniões preparatorias, o que possivelmente faria retirarem-se candidatos perigosos como Poincaré, o que effectivamente se tentou, allegando-se os deveres de disciplina partidaria.

Não surtiram effeito as manobras e Poincaré foi eleito, mas foi eleito graças á votação quasi em massa das *direitas* republicanas, que assim evitaram a França a enorme vergonha de ver

preferido para a eleição do mais alto cargo da Republica, contra a alta figura intellectual e politica que é Poincaré, o candidato Pams, que por todo Paris se apontava como o candidato dos *apaches* e dos *pierruses*.

Essa vergonha pouparam á França as *direitas*, o que não deixa de ser interessante accentuar, agora que cá da nossa banda, se está puxando tanto para as *esquerdas*, que é impossivel que não se fique *canhoto* de todo.

Mas, era esse o ponto a que queriamos chegar, como se explica que o sr. Brito Camacho já propheticasse uma victoria para Pams, ainda então o mais desconhecido dos candidatos, ainda até apenas vagamente indicado como candidato, se elle tãda tinha, nem prestigio, nem valor, nem cotação moral, nem predomínio que o indicassem para aquella alta situação, como não era também na politica a figura apagada, mas pessoalmente prestigiosa, o homem sem responsabilidades, mas com respeitabilidade, que porventura uma corrente da opinião desejasse para a Presidencia?

A razão é simples. E' que o sr. Brito Camacho conecedor das precauções que Pams ia tomando com a compra das dividas que ao fallecido ministro da guerra do gabinete Mouis tinha um grande numero dos membros do Congresso, e sabendo como elle já andava manejando com a sua enorme fortuna, não poz um momento em duvida que na eleição para o mais alto cargo da Republica Franceza, n'uma eleição não feita directamente pelo povo mas pelos seus representantes no Parlamento, ficasse victorioso o homem que de mais dinheiro dispunha e mais larga e melhores escrupulosamente d'elle se servia.

Como depimento indirecto sobre o que entende ser a seriedade e a sinceridade, n'uma Republica, da eleição para o mais alto cargo da nação a prophesia ha tanto tempo feita já pelo sr. Brito Camacho, affigura-se das mais elucidativas e interessantes.

Não sahia certa a prophesia e verdade, mas de novo o accentuamos, isso se deveu principalmente á attitude das forças conservadoras da Republica, fortemente espicadas, convém notal-o, pela formidavel campanha que contra a vergonha, que se premeditava foi feita em grande parte da imprensa franceza, e sobretudo da menos favoravel ao regimen actual.

## CHRONICA MILITAR

Paris—janeiro de 1913.

Hontem, por um dia brumoso e frio, na ampla esplanada dos Invalides, esplendido scenario evocador das tradições guerreiras da França, o General Michel, novo Governador militar de Paris, passou á sua primeira revista ás tropas da guarnição, apresentadas pelo General de brigada Verault, que n'um galope largo, deixou a frente de bandeiras e o foi receber lá longe, á entrada da Ponte Alexandre III, entre o Grand e o Petit Palais.

B'o aspecto de soldado o do General Michel! Vimol-o passar, á entrada da Esplanada, precedido de quatro batedores da Guarda Municipal a cavallo, de cascos d'apo reluzentes na cabeça, amplos capotes negros e de pistola perfurada na mão direita e seguido pelos officiaes do seu Estado Maior, entre os quaes tremulava o pequeno *fanion* tricolor, indicativo do commando.

O General, novo ainda, magnificamente montado n'um *pur sang* castanho, elle proprio cavalgando cheto de garbo e desembarçado, atravessou a esplanada a passo, solennemente, enquanto as bandas entoavam o Hymno Nacional e os clarins corueteiros e tamborões rompiam com a marcha alegre e guerreira *Aux Champs*.

Também vagarosamente percorreu a frente de formatura das tropas, dispostas nas três faces d'um retângulo e voltadas ao centro, que deixavam livre.

Finalmente voltou ao ponto de continência, apitou-se e presidiu à *remise des decorations* de Legião d'Honra, concedidas por ocasião do Anno Novo.

Esta cerimonia é realmente imponente e impressionante! Das unidades destacam-se as bandeiras e estandartes, com as suas respectivas guardas, que os regimentos e batalhões deixam momentaneamente de armas apresentadas e espadas abatidas.

Bandeiras e estandartes veem formar uma longa fila, na face livre do retângulo, frente ao *Dôme* grandioso, sobre o qual dorme o primeiro Napoleão.

Em frente estende-se a longa fila dos *décors*.

O governador militar aproxima-se, desembainha a espada, profila-se, diz a formula consagrada, toca com a lamina os dois ombros do General Abaut da-lhe a *accolade* em ambas as faces e coloca-lhe ao peito a Cruz de Comendador de Legião d'Honra.

Simultaneamente os generaes Verdier, Vêrande e Regnaud vão decorando, observando sempre as praxes, os capitães, subalternos, aviadores, etc. A multidão, cá de longe vai seguindo curiosamente a cerimonia, contida por uma dupla fila de *gardiens de paix* e de soldados da Municipal a pé de infantaria e do batalhão, aquartelado na *Caserne de la Tour Maubourg*.

Terminada a cerimonia, seguiu-se o desfile, em direcção á ponte Alexandre III.

Na frente a Guarda Municipal, marchando irreprezivelmente, em columna de pelotões e com uniforme de campanha: *kepi* e capote, como de resto todas as tropas apedadas.

Logo os sapadores hombeiros, de 2.º e 3.º regimentos, com a sua cadencia espece-lada, com a sua bandeira decorada, pelo audacioso feito d'um sargento de Caçadores da Guarda Imperial em Solferino. Depois os magníficos Zuavos, de largo calção encarnado solto ao vento, a *chechia* vermelha chadida pa-

ra a núa. Depois a infantaria de linha e colonial, com os generaes, comandantes de brigada, á frente do regimento testa, entre a banda e o estado maior de cada unidade. Entre a infantaria Colonial nota-se a grande profusão das decorações colonias, soldados já de barba errada e fronte macerada pelas febres palustres...

Em resumo, a infantaria apresenta-se bem, marchando com *entraîn*.

A má impressão que d'ella tinhamos, quando viamos os *piou-pious* isolados nas ruas, mal fardados e pouco limpos, desaparece por completo.

Todos os commandantes de companhia montados, todas as filas transportam a ferramenta portatil; todos os sabres vão mettidos em bainhas de panno *folha morta*.

Notamos que se está n'um periodo de transição de uniformes mas especialmente de equipamentos, de que ha uma verdadeira diversidade, de batalhão para batalhão, e até de companhia para companhia.

Depois da infantaria a brigada de couraçados, que desfila tambem em columna de pelotões, primeiro a passo e depois a trote largo, quando passa em frente do ponto de continência.

A notar: a bainha da espada suspensa do «lado direito» do selim, a *carabina* do lado esquerdo.

A artilheria a cavallo desfila em columna de divisão, tambem a trote largo, envolvida nos seus capotes, o capacete como cobertura de cabeça. De longe a apparencia é a da nossa artilheria, no antigo pequeno uniforme de serviço.

De resto magnificamente montada, com o cavallo grande e forte, como sistema de tracção.

E com a artilheria termina o desfile...

Pouco depois, ao passarmos pela *Caserne de Ecole Militaire*, onde está aquartelado o 2.º de Couraçados, vinha o regimento a entrar. A banda de clarins, uns vinde e tantos, na frente, tocava qualquer marcha. Que saudades da nossa «Marcha de Guerra», tão grave, tão linda, tão melanciosa—tão impressionante e tão guerreira!...

P. S.

## SEMANA MUNDANA

### DEPOIS DO FOGO

Nas janellas do grande palacio os convidados assistiam ao esfumar das ultimas pegadas de fogo de artilheia, que o governo á cidade offerecera n'aquella noite serena e tepida de outono, que finalisava o dia festivo do anniversario da gloriosa implantação do novo regimen.

Lá em baixo, nas ruas e nas praças o povo, delirante e inconsciente, retirava já, com acclamações vibrantes, empunhando pelo ar ostroiravam os ultimos morteiros, ressoando como salvas de artilheria n'uma homenagem funebre, e as lagrimas luminosas e multicores dos ultimos foguetes, n'um chahir silencioso e lento, do que deseiam brandamente, como flores frescas e vigosas, que se espalhavam tristemente sobre um tumulto.

Ella, tremula ainda da commoção em que a puzera aquelle especimen grandioso da cidade e do rio surgindo de subito da escuridão da noite, ao desabrochar dos bonheitos luminosos, e do enriecimento em que a tinham lançado aquellas acclamações, que da rua subiam a festejar quem tudo lhe dá na sua vida, quando ignorado e anónimo, como tudo lhe era arado agora festejado e celebrado,—correrá ao *totalité* a passar pela face um pouco de *ploutine* e a lançar pelos hombeiros nus um *fleu* transparente e leve, vaporoso e roseo, como um pedaço de coto arrancado ao nascer do dia.

Depois voltara á sala onde um grupo de amigas trocavam impressões sobre a belleza da festa nocturna e sobre a imponencia da cerimonia, que de dia se realisara.

Fallava-se n'esse momento dos discursos e uma rapariga graciosa e fresca, de grandes olhos negros e profundos, dizia com ardor: «Ah! que lindo discurso vibrante de patriotismo! Eu ao ouvi-lo pensava: Se tiver um filho, e Deus...»

Suspendeu-se um momento embaraçada. Depois emendou:

—E o Destino não me ha de privar d'essa ventura, gostava que elle viesse a ser um grande orador. Como deve ser bom a gente sentir suspensa dos seus labios toda uma multidão frenética, e com a palavra dominadora e forte ora poder elevar os corações aos mais altos sentimentos, fazendo o palpitar de ardente patriotismo, ora poder lançalos em arrancos de odio e impetos de rancor contra aquelles que tam amortelhando n'um sudario de vergonhas a patria e a liberdade, a patria que nossos avós tão alto ergueram, a liberdade que nossos paes com o seu sangue conquistaram.

E a rapariga, graciosa e fresca ficou-se olhando o lustre, com os seus lindos olhos negros e profundos.

Discutiram-se então os do'es oracriscos dos grandes homens da Republica, e a certa al-

—Aqui estão os seus retratos...  
E suspirava:

—Os seus retratos de que nunca me separei.

Ella mantinha, é claro, porque nem eu podia andar sempre com aquella carga de photographias.

Ella estendia a mão e f'cava-se. Eu, olhando para o lado, deixava-me estar tambem, de braço estendido, á espera, sem a querer olhar, até que a Chica, em vez de pegar no sobrescripto, agarrava-na na mão, e n'um affago, maciamente, acariciando-me a pelle, a prender-me, murmurava:

—Está então tudo acabado, Anselmo?

Em silencio eu fazia com a cabeça que sim, que estava tudo acabado. Ella, mettendome a mão pelo punho, já a affagar-me o braço, baixando o busto, a fazer-me sentir a firmeza do seio e o palpitar do coração, proseguia:

—Deixei para sempre de ser a sua Chica. Já atrapalhado, eu respondia com gravidade:

—Sim, senhora D. Francisca, deixou de ser a minha Chica.

E energicamente retirava o braço.

Ella então endireitava-se do chofre, e n'um repellido recolhia-se um pouco para dentro, e logo me surgia de novo da sombra em uns poucos de embrulhos nos braços:

—Aqui está tudo que é seu. As cartas, os retratos, as recordações, o *cache-nez* que emprestou ao Cauza á sahida do Colyseu e este maço de cigarros que esqueceu aqui hontem á noite.

E n'um gesto largo despejava-me nos braços a avalanche de embrulhos que eu, encobrendo a perna e ficando o joelho na parede, procurava equilibrar.

A Chica, com decisão, dizia-me entretanto:

—Não falta nada. Adeus...

Senhora D. Francisca... adeus... Seja feliz, respondia eu encolhendo-me todo, a dobrar o corpo, a pé coxinho, tentando amparar com a barriga, entre o joelho e a parede o monte de embrulhos que se desmoronava, e procurando ao mesmo tempo agarrar e chapear para o cumprimentar.

Mas ella, n'um reviramento, de repellido, puxava-me de subito de encontro ao braço da janella, desequilibrando os embu-

tura, como determinado nome não tivesse vindo a lume, uma velhota, chapada e chôcha, disse roendo as unhas:

—O Bito Camacho tambem falta com muito brilho.

A rapariga, graciosa e fresca, murmurou, n'um encolher de hombros, sem desfitar do lustre os lindos olhos negros e profundos:

—Um resgolio...

Houve em volta um murmuro de approvação e ella então, que tudo ouvira silenciosa e atenta, troncou-se inclinando-se para a velhota que roia as unhas:

—E depois minha senhora, um cheiro a *plétes!*... ah!...

E n'um arripio cruzou sobre o peito o *fleu* transparente e leve, vaporoso e roseo, como um pedaço de coto arrancado ao nascer do dia.

Ans.

### UM POUCO DE TUDO

Muito elegante e animada a recepção semanal no palacio da sr.ª D. Beatriz de Paiva e Lemos e seu marido sr. Jorge d'Almeida e Lemos (Seix).

Não distincta assistencia entre outras, notavam-se nas senhoras: Condessa de Boten-court e filha D. Maria Adelaide, D. Sophia de Sampaio Ferreira e filha D. Maria, D. Ignês Wan-Zeller Cabral e filha D. Ignês, D. Maria e D. Theozza Ayres de Gouvêa Allen (Villar d'Allen), D. Anna d'Almeida Vianna (Nandufe), D. Sophia Archer e filha D. Sarah, D. Maria José Guedes d'Albuquerque e filhas D. Maria e D. Christina, D. Henriqueta Pinheiro d'Araújo e filha D. Maria Luiza, D. Sophia de Mello, D. Julia Figueiredo Cabral, D. Maria José Archer, D. Eliza Lima, D. Elvira Archer, D. Dores Faria Pinto Basto, D. Leonor Archer de Carvalho, D. Joaquina Avillez Pinto Basto e Sã e filha D. Joaquina, D. Maria Costa Alencar Teixeira, Madame Leopoldo Mourão e sobrinha D. Laura, etc., etc.

Segunda feira ultima houve uma reunião intima em casa da sr.ª D. Ignês Cabral.

—Regressou á sua casa na Granja, vindo de Madrid o nosso particular amigo e illustre collega, Antonio Paes de Saude e Castro.

Tem estado em Lisboa o sr. Pedro Guedes Brandão de Mello.

—Regressaram á sua casa em Açetão, os sr.ªs Viscondes do Tojal e filhas D. Leonor e D. Sophia.

—Passou o Inverno em Paris a sr.ª Baroneza do Jardim do Mar, e sobrinha a sr.ª D. Amelia Frazão Accelios de Menezes (Calçada).

—Fixa residencia na Belgica a sr.ª Marquiza de Francos.

—Regressou ao Funchal a sr.ª D. Luiza Giande de Vasconcellos.

—Partiu para Genova, o sr. Barão de Merck

## 7 FOLHETIM DE «O CORREIO»

# A CHICA

## A RECONCILIAÇÃO

No dia seguinte,—depois de uma noite de sonhos deliciosos em que a Chica me apparecia soltante abraçada á tia a exclamar: *Ai! tial tial que isto parec-me que tambem não cahiu* enquanto a tia, furiosa, me mostrava o punho voelferando: *Bréjeiro! enganava assim uma donzella tão fina!*—levantava-me mais cedo, e antes de ir para a repartição, juntava as cartas da Chica.

Cuidadosamente punha-as por ordem, desde a primeira, em que ella com uma calligraphia muito cuidada, me confessava acreditar serem seus os meus propósitos ao ir assim fazer brotar-lhe no coração sentimentos de que elle, coração,—explicava a Chica,—*estava virgem, até á carta da ante-vespera, prenuncio da crise choramingona, em que ella, já sem apuro de calligraphia, me declarava que isto assim não pode continuar e que é preciso que n'uma converza definitiva tu me digas se devo morrer, ou se,—continua ella com aquelle lyrismo que lhe dava quando arrufava sem ser á bruta,—posso continuar na esperanca de que a vida me seja sempre perfumada por onde entre rosas, sem espinhos, eu possa cantar ao sol o hymno do nosso amor, phrase esta que eu sempre desconfiei ter-lhe ficado d'um poeta, estúpido como uma porta, que ella namorára e que puzera a andar ao fim de quatro sonhos, não o podendo aturar em verso, e não sabendo elle fazer-se amar em prosa, que era como ella gostava.*

Depois arrumava n'uma caixa de papelão todas as recordações do nosso amor. Isto é, todas as bodegas que os namorados vão atrahindo para o fundo de uma gaveta,—raizinhos de violetas e ventarolas de papel, maras de *collon* e lençinhos de renda, folhas de hera e *caraneta de bal*, aneis de cabelo e programmas de festas de caridade,—emfim tudo aquillo que, no fim do namoro, dá a impressão de ser uma passada de

lixo, que a creada, por engano, doitou para dentro da gaveta.

Embrulhava a caixa em papel de seda e por fim, n'um grande sobrescripto mettia os retratos da Chica; o grande, que ella destinára á banquinha de cabeceira, e os outros, os mais pequenos, representando a Chica de chapéu, a Chica sem chapéu, a Chica decotada, a Chica de perfil, a Chica de frente, a Chica de todas as formas e maneiras, e que eu, desarranjado e farto de methodo, espalhava por todas as algeibaras, ou mettia entre papéis varios, na carteira, n'uma confusão tal, que já não havia conductor de electricos que não conhecesse o retrato da Chica, tantas vezes eu o mostrava por engano, imnginando, distribuido, apresentar o bilhete da assignatura.

Á noite ao bater das dez, com um embrulho de baixo de cada braço, com o sobrescripto pendurado no dedo meiminho pela fitinha de seda azul, encaminhava-me para a rua da Chica, carregado com um marção de mercancia levando as compras aos freguezes.

Chegado em frente da janella tossia levemente, mas com dignidade. A Chica abria logo a vidraça e apparecia-me com ar triste e fatigado, a fungar, com o nariz vermelho e abaxivava a cabeça, n'um cumprimento.

Eu, atrapalhado com os embrulhos e com a bengala, encobria-me todo para conseguir levar a mão ao chapéu a tirar-o n'um cumprimento ceremonioso.

Depois, com gravidade, estendia-lhe um embrulho, dizendo:

—As suas cartas.

E n'um tom digno acrescentava:

—Estão todas.

Depois entregava-lhe o caixote de lixo:

—As recordações do nosso amor.

E honradamente confessava:

—Só faltam os bombons da caixinha que me deu no *collon* das Lemos. Comi-os, não valia a pena guardal-os, porque se estragavam.

Ella com tristeza murmurava:

—Não faz mal.

Por fim vinham os retratos. Eu, estupidamente, entendia sempre *fazer partes* n'essa altura, e então estendia-lhe o sobrescripto como que a custo, desviando o olhar, baixando a voz, a fingir-me commovido:

lhos que se espalhavam pelo chão, passavam o braço no pescoço, e n'uma crise de lagrimas, a fungar-me para dentro do collarinho, encostava ao meu o seu lindo rosto:

—Não, Anselmo, não me deixes que eu não posso viver sem ti.

—Então, Chica, então... os embrulhos, murmurava eu já commovido.

A Chica, no mau humor de quem se vê interrompida numa grande scena de tragedia pela creada, que vem annunciar que está alli o homem do gaz, ordenava-me:

—Deixa lá os embrulhos!

E envolvendo-me o pescoço com os seus lindos braços, que as largas mangas do roupão deixavam a nu, dizia-me fitando-me com um brilho risonho e terno por entre as lagrimas dos seus grandes olhos:

—Não... tu não me deixas, Anselmo, tu não me deixas...

Eu, esparvorido, olhava-lhe a bocca, á bocca admiravel, em que a branca dos dentes alvejava fasciante por entre o carundo vermelho vivo dos labios, e via a pouco a pouco aproximar-se, temerosa e seductora, infernal e atrahente, da minha bocca, que eu, com a ancia d'um soldado tapando a brecha por onde o inimigo ameaça invadir a fortaleza, fechava desesperadamente, de dentes cerrados a fugir com a cabeça e atirando pontapés furiosos aos embrulhos das cartas, das recordações, que se me embarracavam nos pés.

Mas por fim n'um arranco de desespero, ao sentir-lhe mais perto o halito ardente em que havia, como n'uma quente noite de verão o prepassar ligeiro de uma brisa fresca, a macieza d'uma caricia branda, cravava a bocca, furioso e delirante, n'aquelles labios infernaes, em que os beijos soavam como canticos celestes.

E, de mim para mim, n'um desalento, murmurava:

—Ai! Anselmo... que lá estás de novo encravado.

E estava.

Mas tambem, eu sempre queria ver e que os senhores fariam n'aquellas alturas...

ANSELMO.

— Tem estado em Lisboa o sr. Marquez de Roriz.

— Regressaram á sua casa no Porto, o sr. Alberto Cardoso de Macedo e Menezes (Margaride) e ex-<sup>mo</sup> espada.

— Do Porto, regressaram a Lisboa as sr.<sup>as</sup> D. Maria e Catharina de Castro Botelho Torrezão.

— Está em Lisboa o sr. D. Nuno Telles da Silva (Vagos).

— Tem estado doente no Funchal a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Forjaz.

— Realiza-se no proximo dia 29, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Amelia Burnay de Macedo, filha da sr.<sup>a</sup> Viscondessa do Marco, com o sr. Dr. Francisco Paes do Sande e Castro.

— Muito animadas as sessões da moda, no «Elegante Cine» Passos Manoel. Brevemente começará as sessões de patinagem no salão junio a este «cine».

— E' amanhã que se realisa no Palacio de Christal o baile «costumé», offerecido pelos rapazes.

### Carta de Lisboa

A politica entrou positivamente n'uma phase carnavalesca que está bem a paracer com a semana que se aproxima.

Romperam-se as hostilidades entre os pous gallos do regimen, mas como succede tantas vezes nos collegios, entre rapazes que mal desabrocham na vida séria, os dous contendores conservaram-se a respeitosa distancia um do outro.

O sr. Afonso Costa, ha dias, quando se apanhou rodeado da sua gente, desafiou o sr. Antonio José de Almeida que a medo pediu para levantar a luva, não tendo chegado a retorquir-lhe, segundo diz, porque lhe não chegou a palavra. A desculpa não deixa de ser infantil, partindo de um antigo parlamentar, do numero d'aquelles, que em tempos idos, vociferavam ferozmente quando os não deixavam dizer tudo o que lhes apetecia, a torto e a direito, e em toda a altura da sessão! E como lhe não deram licença para falar, S. Ex.<sup>ta</sup> não insistiu pela palavra, nunca mais a solicitou, e preferiu annunciar no seu jornal para o dia seguinte um artigo com este pomposo titulo: *Eu sou o Presidente de Ministros*.

Estava lançado o segundo desafio! No dia seguinte o jornal a *Republica* era disputado pelo publico e o artigo, mais que lido, devorado como succedeu sempre, em todos os tempos, quando os dirigentes da politica portugueza apparecem de mangas arregaçadas a querer lavar a roupa das suas responsabilidades. Mas a espectativa ficou mais uma vez illudida! Como a celebre comedia de Paileron que tinha um verso bonito, o artigo do sr. Antonio José tinha apenas de bom... o titulo! No mais era um simples repto lançado ao seu rival, para vir discutir para o jornal em vez de ir para o Parlamento; mas prevendo já no post scriptum que isso por ora não seja muito facil, enquanto o sr. Afonso Costa dirigir os destinos deste pobre paiz, appella para quando o ministerio cahir. Por seu lado, o reptado limita-se a constatar um dos seus jornaes que a impressão causada pelo artigo foi de hilaridade!...

N'um simile mais popular, temos o sr. Afonso Costa á janella de casa desafiando o sr. Antonio José a subir para discutir com elle, e este com medo de ir lá cima por causa dos visinhos que estão feitos com o seu rival, a gritar-lhe cá de baixo— Bem te conheço, mas se tanto empenho tens em discutir, salta d'ahi! Sempre á janella o sr. Costa com toda a rapaziada responde-lhe com uma gargalhada de troça e o sr. Antonio José d'Almeida lança mão do ultimo recurso, adiando a contenda para quando elle sahir de casa.

N'esta altura, o espectáculo perde todo o interesse, porque ninguem sabe ainda como e quando o sr. Afonso Costa se resolverá a sahir do poleiro, e quando o fizer, já a curiosidade publica não estará como hoje tão presa da personalidade dos dous contendores os quaes terão perdido, além de muitas outras,

as qualidades que agora lhes dão certo prestigio, um a de chefe do governo, o outro a de chefe da opposição.

Quando o sr. Afonso Costa não estiver no poder, nem o sr. Almeida no Parlamento, que importa ao publico que elles se descomponham! Tudo quanto possam dizer um do outro, sabe elle.

Mas como vão mudados os tempos! D'antes, as opposições de que eram arbitro da oportunidade das discussões parlamentares e os ministros aceitando-a, appellavam por fim para a Camara. Hoje é o contrario. Os ministros é que desafiam as opposições, e estas appellam para a imprensa!

Francamente, o papel desempenhado no politica por todos estes chefes de grupo é muito divertido. O sr. Antonio José d'Almeida é desafiado no parlamento pelo chefe do governo e cala-se; o sr. Camacho é descomposto verdadeiramente n'um jornal do mesmo chefe do governo, e dá-lhe o seu voto parlamentar; e o sr. Afonso Costa mal sabe do Paço de Belem investido em Presidente de ministros, corre a conferenciar com o sr. Camacho e deixa que na sua imprensa esse seu concentrado fique a escrever sangue! E, para cumulo de tudo isto, ar edada do Parlamento a questão politica, por um prisma erroneo do chefe da opposição, as horas parlamentares passam-se na discussão de verdadeiras puerilidades, que seriam a vergonha de muitos rapazes de collegio!

Anda tudo fóra do seu lugar, desde a pobre professora de francez accusada, um dia destes no Senado, de francez não saber, como se os professores das linguas leccionadas nos nossos lycens e collegios tivessem alguma vez sabido o que ensinam, ou como se houvesse exemplo de algum alumno ter aprendido lá alguma lingua estrangeira, até os proprios parlamentares, que em vez de *lacuna*, dizem *lacuna*, e em vez de *caractères* dizem *carócteres*. Ora quando tão pouco se conhece a lingua propria, que admira que se ignore a alheia, e quando um homem com o passado politico do sr. Antonio José de Almeida, e as suas responsabilidades revolucionarias, se encontra tão *déplacé* na sua cadeira de chefe de opposição, que admira se sinta mal sentada na sua, a pobre senhora encarregada de leccionar a lingua de Voltaire e do sr. Jaurés no Instituto da Torre Espada!

São essas as eternas *Mascaras da humanidade* de que falla no seu bello livro o sr. Bouchez de Perthes, notavel escriptor da Normandia!

Raul.

### Chronica da vida nacional

São os dous factos do dia: — o naufragio do «Veronése» e a ascensão ao poder do sr. Afonso Costa.

Como esta chronica não é especialmente politica, e o novo presidente do Conselho por ora está no principio da sua gerencia — muito terémos que nos referir a elle, serenamente e sem paixão.

Ainda não fez coisa que mereça a pena ser estudada; aquillo com que tem impressionado os amigos e adversarios, não passa de jogos malabáres, apreciaveis como prova de agilidade, mas perigosos no dia em que ella falte ao atleta. E' a sorte que estará reservada ao sr. Afonso Costa; qualquer hora cança, e lá se lhe vai o mérito — não sendo até desnecessario que os inimigos o combatam, para o inutilisarem de vez.

Fallemos pois do naufragio do «Veronése» visto ainda não o termos feito, pois não sendo este semanario noticioso, quanto dissessemos seria apenas repetir o que os diarios narrassem. Reservamos pois para apresentar agora as nossas impressões — e essas são dolorosas — não tanto pelo facto em si, natural desde que há nautas é tempestades —

mas pela impotencia mostrada pelos elementos officiaes, nas primeiras horas da catastrophe.

Se isto se dêesse em Marrocos, estava tudo salvo! foi o commentario caustico d'um inglez, perante a incredia que presenciou e que infelizmente se não pôde esconder.

Como a fatalidade em tudo nos persegue, veio o acaso dar razão ás palavras do subdito britannico, pois á mesma hora em que o *Veronése* sossobrava nas praias portuguezas, naufragavam tambem nas costas marroquinas o *Ros* e o *Cástor*, além d'um vapor de pesca, cujo nome se ignora, sendo promptamente soccorridos e salvos os passageiros e tripulantes — apenas com tres victimas a lamentar. Marrocos, contudo, passa por ser a sede da barbarie, a escarnecer dos progressos da civilisação, alli em frente da Europa, mas, ainda assim, envergonha esta parcella do occidente europeu — ha quatrocentos annos o centro dos maiores navegadores do Universo! E as tempestades do Mediterraneo nada ficam a dever ás do Atlantico, pois se não tem, como os Oceanos, um vasto lençol de aguas e um forte impulso de marés, agita-se, de vez em quando, em contorsões desesperadas, como se quizesse evitar o contacto das suas aguas, com as do Atlantico e do Indico.

A meio caminho da Europa e da Africa, descontinua-se ao mesmo tempo que os barcos acima citados, o *Mallorca*, de encontro aos cachopos de Palma, no irregular contorno dos Baleares — e nenhuma d'essas tripulações curtiu as amarguras prolongadas da incerteza da vida, da visão da morte e da inanidade de soccorros — como na costa portugueza, a dois passos d'um porto, que tem vastas relações commerciaes com as primeiras praças do mundo!

Foi necessario os rudes e incultos homens do povo, que em constante luta com o mar vivem e morrem, mostrarem aos burocratas maritimos, como se vencem as ondas, como se tripula um baxel no maior fragor das tempestades, como se sabe cumprir o dever, e dar aprego á vida, não pelo que ella vale perante o individuo, mas pelo que representa em relação á sociedade. Contemporanea a tragedia desenrolada a bordo do barco desarmado, apenas esses pobres homens, que desconhecem a existencia das palmaras *altruismo e egoismo*, souberam honrar a nossa raça, não só affrontando corajosamente o perigo, mas despertando nos outros o desejo de os seguirem e imitarem.

Quando Camões disse que o *fraco rei faz fraca a forte gente* exprimi uma verdade, que constantemente se está demonstrando na historia e na sociologia. Só quem sabe mandar é digno de estar á frente de homens, que devem de obedecer a um chefe.

E por isso alli, em Leixões, dirigindo os servicos nauticos indispensaveis a um grande porto, como queremos ter, — quem deve ser investido do commando, dar ordens e ser obedecido, é o mestre Manoel Lagôa, patrião do salva-vidas da Póvoa, por ser um homem, uma alma e um valente, cujo coração, só palpita para mostrar que encara a vida como uma luta, e, só lutando pelo bem, se vive com a consciencia tranquilla.

Como os que affrontaram o mar, aquelles que, de terra e em terra, prestaram os servicos ao seu alcance, guiados apenas pelo sentimento, e não pela pratica, farião esquecer aos navegantes a tragedia alli desenrolada, conscientes que em Portugal, se os governos descuidam os mais sagrados interesses do paiz, há na iniciativa particular energias e aspirações elevadas — para suprirem tanto abandonos e tanta imprevidencia; — que se as vagas os atirarem um dia, de encontro aos escolhos, de todas as partes surgirão braços a amparal-os, para os arrancar á morte, para lhes acalentar as dores e para com elles partilharem a sua desdita!

Antonio Lança.

### Chronica dos Theatros

**Sá da Bandeira** — A linda operetta «*Soldado de Chocolate*» continua fazendo grande successo.

Brevemente realiza-se a premiere do «*Sacrificio de Abraham*», linda operetta portugueza que deve agradar muito não só pelo poema como pela musica.

No camaroteiro continua aberta a assignatura para as recitas do carnaval, com peças engraçadissimas e apropriadas.

Os bailes de mascarar, no Salão Nobre, continuam sendo concorridissimos.

**Carlos Alberto** — A noite de hontem foi mais uma gloria para o grande actor José Ricardo. Realizou-se a sua festa artistica, subindo á scena a linda operetta portugueza «*O testamento da Velha*» em que o homenageado tem uma verdadeira creação.

Nos finais dos actos José Ricardo foi alvo de numerosas palmas.

Hoje repete-se o mesmo espectáculo. — No escriptorio da empresa está aberta a assignatura para as recitas de carnaval que serão com quatro peças differentes.

Francisca Martins e Jayme Silva, dous dos mais conscienciosos artistas realizam a sua esta na segunda-feira, 27.

**Agua d'Ouro** — A engraçada revista *Deixa correr* é hoje ampliada com um novo quadro intitulado *Casa para alugar* e uma grande e oportuna apothose final.

Hoje encerra-se a assignatura de camarotes para os ultimos 4 bailes de carnaval, nas noites de 1, 2, 3 e 4 de fevereiro.

**Olympia** — A gentil actriz Maria Amelia faz hoje a sua festa artistica.

Repete-se mais uma vez, nas duas sessões, a chistosa revista *Peco a palmeira*.

**Colyseu de Variedades** — Continua obtendo grande exito n'este popular Colyseu a apresentação dos 5 loões de Mme Lorfa Venoska, que entre elles realisa, com extraordinarios applausos, a «*Dansa serpentina*».

Nos d'ois espectaculos d'hoje tomam parte todos os artistas e clowns da companhia.

### CINEMATOGRAFOS

**Jardim Passos Manoel** — A empresa organisa para as suas sessões de hoje e amanhã programmas que devem fazer sensação. Havendo ao domingo uma extraordinaria concurrencia de publico, que os recintos de inverno d'esta casa de espectaculos difficilmente podem comportar, a empresa vê-se na necessidade de, n'esses dias e durante a epocha de inverno só vender os bilhetes certos das lotações do «*Salão Theatro*». Fica, portanto, suspensa a venda, aos domingos, de bilhetes para o «*hall*» e jardim.

Hoje depois da ultima sessão realiza-se o costumado baile *masqué*.

**Salão High-Life** — Este elegante salão continua sendo muito concorrido em virtude dos magnificos films que apresenta.

**Salão Pathé** — Hoje e amanhã os programmas são preenchidos com fitas de verdadeira sensação.

### Expediente

Prevenimos os nossos prestantes assignantes das provincias que vamos enviar-lhes pelo correio, á cobrança, os recibos de suas assignaturas, e pedimo-lhes a fineza de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, evitando-nos assim despesas desnecessarias ou a suspensão da remessa do jornal.

### Annuncios

Todas as noivas de bom gosto encomendam os seus enxovals no

**ATELIER DE ROUPA BRANCA**

M. d'Aguiar Leitão

20 — Praça da Batalha — 22  
(A' entrada da rua de S. Ildefonso)

**PORTO**

---

Alvaro Pinheiro Chagas (Anima)

**NOTAS D'UM LISBOETA**

2 bellos volumes

Preço 1\$200 reis

A' venda nas principaes livrarias

**Magalhães & Moniz, L.<sup>da</sup>**

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros  
de ensino, arte, sciencias e lettras.Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações  
CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

CASA FUNDADA EM 1873

11, Largo dos Loyos, 14 — PORTO

**Fabrica de pregos  
e ferragens para malas**A unica no Paiz que fabrica  
todos os artigos para confecção  
de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

Rua de D. Pedro, 110-2.º

PORTO

**Empreza Nacional de Navegação**

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandul para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passageiros trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85 — LISBOA

**"PICCADILLY"**

58, RUA GARRETT, 62

Telephone, n.º 3658

A mais importante casa d'artigos para homem

Alfayate, Mercador, Camisaria, Chapellaria  
e artigos concernentes a estas especialidades,  
como impermeaveis, chapéos de chuva, bengallas  
e gravatas em todos os generos**"ADESIVOS E MAKAVENCOS,,**

Chegou nova remessa d'estes magnificos baciós á casa

**"AU BON MENAGE,,**

81, Rua de Cedofeita, 85

Teleph. 942 — PORTO

Casa especialista no fabrico de colchões de arame,  
colchões de folhelho, lá, orina e summaumaUnica colchoaria no Porto que possui um bem montado serviço de  
esterilisação e desinfeção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,

Julião D. Monteiro

**A EUROPA**  
PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA

Rua da CONCEIÇÃO, 71 a 75

Rua das OLIVEIRAS, 108 a 128

TELEPHONE, 654

Padaria montada em harmonia com as disposições emanadas da fiscalização dos Productos Agricolas, fornece toda a qualidade de pão e com especialidade o Pão de Luxo, Vienna e outros. Distribuição aos domicilios de manhã e á tarde, observando-se n'estas a mais rigorosa hygiene e completo asseio.

O serviço de panificação está franco a qualquer hora do dia ou da noite. Bolachas, biscoitos, tosta doce e azeda. Vinhos finos e de consumo, tintos e brancos, engarrafados, licres e champagnes, cervejas nacionaes e estrangeiras.

Aguas mineraes e mais genero congeneres.

CHÁ, CAFÉ CACAU, DOCE FINO, FRUCTOS DOÇES e SECAS.

**ATELIER DE ROUPA BRANCA**

M. D'AGUIAR LEITÃO

Proprietaria e directora:

Marqueza Isabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem,  
senhora e creança.

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora, (especialidade d'esta casa).

Enxovaeis para casamento. Enxovaeis para baptisado.

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22 — PORTO (A' entrada da R. do Santo Ildefonso)

Aos paes que velam pela  
saude de seus filhos, recom-  
mendo este aparelho, porque  
é tambem aconselhado pelos  
mais distinctos clinicos.**Bazar Esmeriz**

CLERIGOS, 70

CIGARROS

**Presidente ARRIAGA**

Fina mistura de tabaco havano

A MARCA DE MAIOR SUCCESSO EM PORTUGAL

Cuidado com varias marcas  
imitações d'esta famosa marca**CIGARROS D'ALGER**

PERFUMES de salon

CREMES D'herbe divine

Universalmente conhecido como os mais  
hygienicos

— Não affectam a garganta —

Cuidado com as imitações que a fama mun-  
dial d'estas marcas tem provocado.**COMPANHIAS DE SEGUROS**  
La Union y el Fenix Espanol  
de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Mannheim

Seguros sobre a vida, incendio, explo-  
são de gaz, de machinas, raios, rendas  
em caso de incendio, maritimos, pos-  
taes e transportes de qualquer natureza.**LIMA MAYER & C.º**

RUA DA PRATA, 59-1.º

**VIDRARIA MODERNA**

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

**Augusto Gomes dos Santos**Completo sortido  
em louças, vidros, crystaes, molduras  
e outros artigos  
proprios para brindes

Telephone 1139

Rua Sá da Bandeira, 196 a 199 — PORTO

**CASA DOS LINHOS**

ARTIGOS PARA BORDAR

Raphael Pereira dos Santos

Fornecedor dos principaes Collegios do Paiz

288 — Rua de Fernandes Thomaz — 290

PORTO

N'este estabelecimento encontra-se  
enorme sortido de pannos de linho e  
atolhados.

Artigos para collegios e enxovaeis

Enviem-se amostras para a Provincia

EXECUÇÃO RAPIDA

PREÇOS SEM COMPETENCIA